

JOSÉ FRANCISCO ALBINO

**A NACIONALIZAÇÃO NO ESTADO NOVO E A AMEAÇA ALEMÃ
UM OLHAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA
(1937-1945)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção
do Título de Mestre em História.
Orientador: Prof^o Dr. Valberto Dirksen**

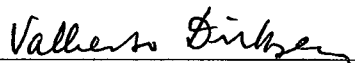
**Florianópolis
2001**

**A NACIONALIZAÇÃO NO ESTADO NOVO
E A AMEAÇA ALEMÃ
UM OLHAR EM SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA (1937-1945)**

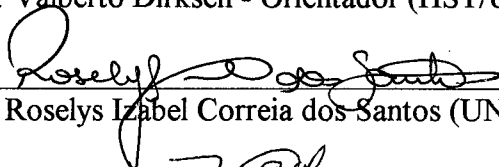
JOSÉ FRANCISCO ALBINO

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Valberto Dirksen - Orientador (HST/UFSC)



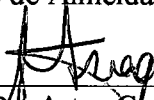
Prof.^a Dr.^a Rosely Izabel Correia dos Santos (UNIVALI)



Prof. Dr. João Klug (HST/UFSC)



Prof. M.Sc. Marcos Vinícios de Almeida Saul - Suplente (HST/UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 30 de março de 2001.

Este trabalho é dedicado à memória de Maria Amália Vieira Schmitz, minha avó, pelo seu exemplo de amor e dedicação.

Entre as barreiras que se levantam no caminho da paz, da paz interna, da paz externa, senão a maior, chama-se NACIONALISMO. O nacionalismo surge sob diversas formas, conforme a origem e a composição étnica de um país, seu grau de desenvolvimento e as idéias políticas e sociais predominantes etc., mas, debaixo de uma ou outra modalidade, em todo o mundo, ele existe e perturba a paz entre os homens e as nações.

MARCOS KONDER

Discurso proferido no Rio de Janeiro, por ocasião da 39ª Convenção do Rotary Internacional (18 de maio de 1948).

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor da minha vida.

À Universidade Federal de Santa Catarina, ensino gratuito de qualidade.

Ao Prof^o Dr. Valberto Dirksen, meu orientador.

Ao Prof^o Dr. João Klug, pelo apoio fundamental e por ter compartilhado comigo seus conhecimentos sobre a temática da dissertação.

Ao Prof^o Marcos Saul e Prof^a Eunice Sueli Nodari, pelas importantes contribuições no exame de qualificação.

Aos meus pais Maria Odete e José, aos meus irmãos Edna e Daniel pelo incentivo e apoio.

À Luzete, minha esposa, apoio fundamental. Aos meus filhos Guilherme Schmitz Albino e Gustavo Schmitz Albino, razões da minha vida.

Às senhoras Alba Lucia Trompowsky Taulois, Iara Trompowsky Taulois e Srta. Luciana Trompowsky Ávila, pela doação de dezenas de livros e revistas sobre o período pesquisado nesta dissertação, fundamentais para este trabalho.

Aos professores Márcio Voigt e Roberto Farias, companheiros de arquivancada no Orlando Scarpelli, amigos de primeira grandeza. O apoio de vocês foi fundamental para o término deste trabalho.

Aos amigos que iniciaram comigo, as primeiras caminhadas na história: Julio César Rubi, Hudson Queiroz, Zeca, Daércio, João Paulo, Valéria e Dirlane.

Ao Tenente Marcelo, do Q.G. da Polícia Militar de Santa Catarina, pelo apoio.

Ao Prof^o Dr. Artur C. Isaia, pelo incentivo e amizade.

Ao Jonas Cadorin, pela compreensão, incentivo e amizade.

Ao Bernardi e Cabral, amigos que partiram, mas que estarão sempre em meu coração.

Ao André Cesconetto, Gerusa Adriano, Cristiane Silva, Anaxi, Gisele, Paulo, Daniel, Jaderson, Bruna, Norton, Mariana, Ana Paula, Rodrigo, Rodnei, Eduardo, Karla, Eduardo Cardeal, Tiago, Aline, etc. Com vocês descobri a felicidade profissional e a verdadeira razão da educação.

À Nazaré Wagner, funcionaria da Pós-Graduação, por suas corretas orientações e encaminhamentos necessários à manutenção do Mestrado.

Ao Euclides, do Arquivo Histórico de Itajaí, pela seleção de importantes fontes utilizadas nesta dissertação.

Ao grupo de pesquisa sobre “Imigração Alemã em Santa Catarina”, coordenado por Toni Vidal Jochem, do qual tive a honra de participar.

Ao Adriano Corrêa e Márcio Corrêa, pelo incentivo e amizade.

Ao Sr. Zacarias Schmitz e Sérgio Schmitz, pelo incentivo e amizade.

À Prof^a Carine Helen Morossino Santos, pelas leituras e correções necessárias.

Ao Figueirense Futebol Clube, um antigo caso de amor.

RESUMO

Esta dissertação analisa o impacto da campanha de nacionalização e do alinhamento brasileiro com os Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial. Esta investigação aborda o Estado de Santa Catarina e, especificamente, a localidade de São Pedro de Alcântara, compreendendo o período de 1937 até 1945. Durante o Estado Novo, esteve em curso um projeto de criação de uma cultura tipicamente brasileira, norteadas por um nacionalismo que impôs medidas de padronização e condutas. Os grupos étnicos que não se enquadravam neste discurso, sofreram interferências por parte do poder público, com decretos e normatizações para controlá-los. Após a declaração de guerra que o Brasil fez à Alemanha, um destes grupos, os alemães, e seus descendentes, sofreram uma série de restrições. A proibição do idioma alemão é o primeiro ato de uma série de medidas executadas contra os teutos. Foi construída, pelos órgãos públicos (D.I.P. e DOPS.), uma imagem perigosa dos alemães e de seus descendentes considerados uma ameaça para a unidade e soberania nacional. O medo ocasionara uma mudança de comportamento nos teutos, com interferência no cotidiano: escolas, residências, igrejas, associações, etc.

ABSTRACT

This dissertation intends to analyze the impact of the nacionalization campaign and the Brazilian alignment with the United States, during the Second World War. This investigation will approach the Santa Catarina State and, specifically São Pedro de Alcântara town, consisting the period from 1937 until 1945. During the New State, will be in course, a criation project of a typically Brazilian culture, based for a nationalism that will impose measures of behaviours pradronization. The ethnic groups that do not fit in this discours, will suffer interferences from the public power, with decrees and normatizations to control them. After the war declaration that Brazil does to Germany, one of these groups, the Germans, and their descendents, will soffer a serie of restrictions. The prohibition of German language, is the first act from a serie of measures that will be executed against the teutos. The public organs will build (DIP and DOPS), a dangerous image of the German people and their descendents, considered a threat to the national unity and sovereignty. The fear caused a behaviour change of the teutos, with interference in the daily life: schools, homes, churches, associations, etc.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 O NACIONALISMO-SOCIALISMO E A IMPLANTAÇÃO DO ESTADO NOVO NO BRASIL	17
1.1 Ascensão do Partido Nacional-Socialista	17
1.2 O Estado Novo	20
2 A CRIAÇÃO DO INIMIGO	32
2.1 A Ameaça Alemã	32
2.2 A Importância das Publicações para Popularizar o Perigo Alemão	39
2.3 Os Jornais e o Perigo Alemão	51
2.4 Brasil e Estados Unidos: união contra o perigo alemão na América	53
2.5 Nereu Ramos: a lei combatendo o perigo alemão em Santa Catarina	54
3 ATOS E AÇÕES	65
3.1 A Prisão dos Inimigos	65
3.2 Proibição do Idioma e Algumas Peculiaridades da Repressão	68
4 SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA NO CONTEXTO DA NACIONALIZAÇÃO DURANTE O ESTADO NOVO	77
4.1 São Pedro de Alcântara ontem e hoje	77
4.2 São Pedro de Alcântara no contexto da nacionalização	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
ANEXOS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
FONTES DOCUMENTAIS	122
MEMÓRIAS ORAIS – ENTREVISTAS	125
FONTES	127

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto da Reunião do Partido Nazista de Blumenau	12
Figura 2 – Foto do Grupo Feminino em frente ao Clube América de Blumenau	12
Figura 3 – Foto da Manifestação em Canoinhas no dia do Trabalho em 1934.....	34
Figura 4 – História em Quadrinhos de Adolf Hitler.....	42
Figura 5 – História em Quadrinhos da II Guerra Mundial	43
Figura 6 – História em Quadrinhos sobre a situação religiosa na Alemanha Nazista.....	45
Figura 7 – História em Quadrinhos sobre a Alemanha Nazista	46
Figura 8 – História em Quadrinhos do relacionamento familiar na Alemanha Nazista.....	47
Figura 9 – Capa da Revista Comparando o Operário Inglês com o Operário Alemão.....	49
Figura 10 – Foto de Himmler - Chefe da GESTAPO.....	92
Figura 11 - Mapa do Brasil com a localização dos Presídios Políticos.....	103
Figura 12 - Foto dos Teutos-brasileiros carregando rádios confiscados, acompanhados por autoridade policial.	104
Figura 13 – Fotos das armas confiscadas pelo DOPS durante a campanha da nacionalização no Estado Novo	105
Figura 14 – Foto do Desfile Cívico com bandeira brasileira ornamentada com o símbolo nazista.	106
Figura 15 – Foto de confraternização de simpatizantes do NSDAP.	107
Figura 16 - Foto de materiais confiscados durante a Campanha da Nacionalização No Estado Novo (1937-1945)	108
Figura 17 - Fotos de materiais confiscados durante a Campanha da Nacionalização No Estado Novo (1937-1945)	109
Figura 18 - Foto de materiais confiscados durante a Campanha da Nacionalização No Estado Novo (1937-1945)	110
Figura 19 - Fotos de materiais confiscados durante a Campanha da Nacionalização No Estado Novo (1937-1945)	111
Figura 20 – Foto da Praça central de São Pedro de Alcântara - Monumento ao Imigrante.	112
Figura 21 – Foto com detalhe do monumento com as inscrições em português e alemão em São Pedro de Alcântara	113
Figura 22 – Foto do Estandarte Nazista confiscado durante o período da Nacionalização..	114
Figura 23 - Foto da Escultura de Adolf Hitler talhada em madeira – realizada em 1931 no período da nacionalização (Acervo do Museu Lara Ribas –Fpolis.).....	115

APRESENTAÇÃO

Este trabalho investiga o impacto da campanha de nacionalização e do alinhamento brasileiro com os Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial. Esta investigação trata do estado de Santa Catarina e, especificamente, o atual município de São Pedro de Alcântara, durante o Estado Novo (1937-1945).

A campanha de nacionalização já vinha sendo articulada desde a década de 20 a partir do Estado Novo e, principalmente, após a declaração da guerra que o Estado brasileiro fez aos países do Eixo¹, a Campanha de nacionalização ganha uma maior dimensão, interferindo diretamente nas comunidades com elementos de etnia alemã e seus descendentes.

Neste período, o governo de Getúlio Vargas implanta um projeto nacionalista, que será um dos alicerces do Estado autoritário. Os estrangeiros, em especial japoneses, italianos e alemães, bem como seus descendentes que residem em Santa Catarina, serão atingidos por leis e decretos que irão proibir as manifestações culturais que não se enquadravam na tradição luso-brasileira.

Queremos, com esta análise, perceber as práticas utilizadas pelo Estado para efetivar esta padronização cultural, numa tentativa de modificar comportamentos que já estavam estabelecidos e alicerçados no cotidiano das comunidades.

De uma forma geral, as diversas comunidades alemãs de Santa Catarina tiveram uma relativa tranquilidade, até a década de 30, para cultivar valores (língua, o associativismo, clubes, religião, etc.) ligados aos seus antepassados e a sua pátria de origem. Uma das formas de vínculo com a pátria distante estava inserida dentro do contexto político do nacional-socialismo. O NSDAP influenciava um envolvimento muito forte com a idéia de uma nova pátria, uma Alemanha ressurgida após as humilhações impostas pelo Tratado de Versalhes e

¹ Refere-se ao "Eixo" Roma-Berlim-Tóquio, ou seja, são os países que formaram uma aliança político-militar, durante a II Guerra Mundial (Itália, Alemanha e Japão).

que estava superando uma grande crise econômica. Entre os “germanistas”² “existia conseqüentemente um desejo de reerguimento do povo alemão; esperava-se por um movimento de renovação. De maneira geral, o nacional-socialismo foi vivenciado como tal”.³

Foram comuns, em diversas localidades de imigrantes e descendentes de alemães, as manifestações simbólicas que exaltam o NSDAP, visto que, durante a década de 30, mais precisamente até 1938, tais ocorrências não sofriam interferências do poder público.

Com a ascensão do movimento nacional-socialista, uma série de entidades interessadas na preservação da germanidade no exterior serão reanimadas com objetivos tanto pragmáticos [...] quanto subjetivos, com a necessidade de divulgar a doutrina pelo mero desejo de vê-la conhecida e admirada.⁴

O grande número de fotos e imagens que foi utilizado como justificativa para a repressão desencadeada pelo DOPS (Departamento da Ordem Política e Social), a partir da década de 40, foi realizado na década de 30, portanto, quando tais atos eram permitidos.

“[...] o espaço político garantido aos nazistas pelo governo Vargas foi suficientemente flexível, permitindo-lhes livre trânsito até o momento em que o Brasil entrou em guerra ao lado dos aliados.”⁵

Abaixo, podemos perceber nas fotos, manifestações em que aparece a simbologia do NSDAP:

² Germanismo é a tradução da palavra *Deutschum*. É usada, às vezes, para designar simplesmente o conjunto da população de alemães e descendentes. Mas, de uma maneira geral, entende-se por *Deutschum* uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã. A palavra também pode significar as duas coisas ao mesmo tempo. In: GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. p.32.

³ GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.95.

⁴ MAGALHAES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas, S.P: UNICAMP/FAPESP, 1998. p.135.

⁵ PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p.19.

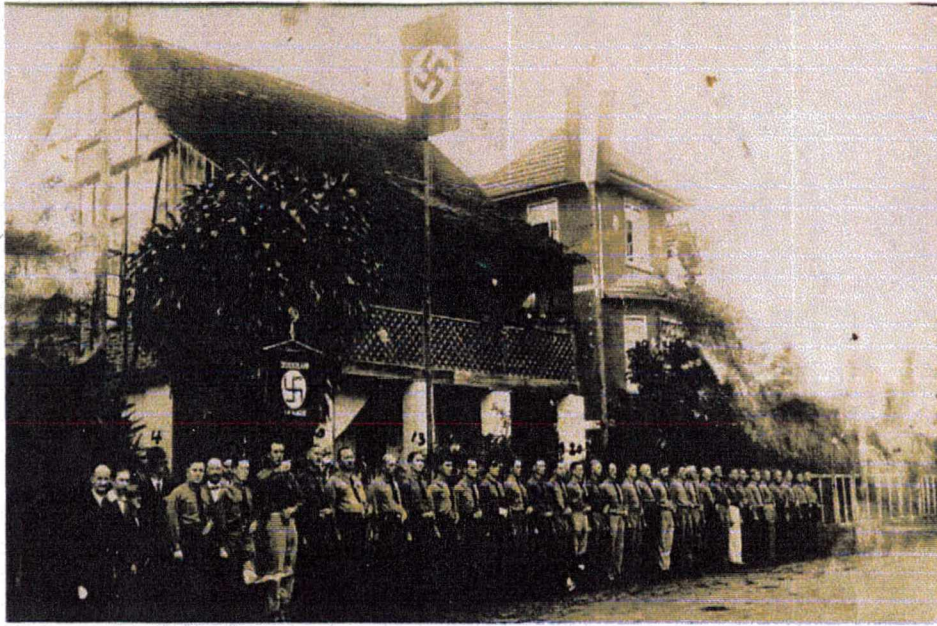


Figura 1 – Foto da reunião do Partido Nazista de Blumenau

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC.



Figura 2 – Foto do Grupo Feminino em Frente ao Clube América de Blumenau

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC.

Desejamos, com este trabalho, analisar e perceber as *construções* que se articularam em algumas regiões de Santa Catarina (núcleos coloniais alemães), influenciadas pela política de alinhamento com os Estados Unidos da América e pela declaração de guerra à Alemanha.

Daremos especial atenção a São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã de Santa Catarina (1829). Queremos, com esta abordagem, contemplar aspectos da micro-história alcantareense. São Pedro de Alcântara ainda não foi alvo de um estudo sobre as questões da nacionalização durante a década de quarenta. A “história” sempre privilegiou as regiões do norte do Estado, Vale do Itajaí, Médio Vale e mais recentemente o Oeste catarinense. Nestas regiões – norte do estado e Vale do Itajaí – as comunidades alemãs foram mais coesas e manifestavam a cultura alemã através de sociedades musicais, clubes de caça e tiro, sociedades de ginástica, jornais em língua alemã, etc. São Pedro de Alcântara não possuía tal dimensão em torno da cultura alemã, como a descrita acima, porém, por possuir população de descendência alemã, também foi alvo de interferências e normatizações por parte da esfera pública e pela própria população de origem açoriana que residia na região.

Esta investigação se enquadra, também, no bojo das comemorações dos 170 anos de São Pedro de Alcântara, realizadas em março de 1999. Os professores Dr. Valberto Dirksen e Dr. João Klug, juntamente com os mestrados André Fabiano Voigt, José Francisco Albino e Juçara de Souza Castello Branco (todos da Universidade Federal de Santa Catarina) participaram, juntamente com outros historiadores, genealogistas e pesquisadores em geral, do projeto: *170 anos de São Pedro de Alcântara*, que resultou no livro: *São Pedro de Alcântara – Aspectos de sua História (1829-1999)*⁶.

Ao examinar a historiografia específica, percebe-se que diversas publicações abordam os aspectos da nacionalização e seus reflexos nas comunidades alemãs. Seyferth aborda a região do Vale do Itajaí Mirim, destacando a formação de uma cultura germânica e

⁶ JOCHEM, Toni Vidal (org.). *São Pedro de Alcântara – Aspectos de Sua História (1829-1999)*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. 352 p.

ênfatizando o papel da imprensa teuta na manutenção da germanidade e nas atuações referentes ao nacional-socialismo.

Sua obra *Nacionalismo e identidade étnica*⁷ destaca os conflitos envolvendo os teutos com as autoridades públicas.

Gertz⁸, também, contempla a temática da nacionalização de uma forma bem ampla, mostrando os contextos político, ideológico e cultural do período. Seu livro intitulado *O perigo alemão* evidencia as peculiaridades das ações direcionadas aos teutos.

Perazzo⁹ trouxe interessantes aspectos do período, tais como: a manutenção de campos de concentração para os alemães considerados *perigosos*, as articulações do Partido Nazista no Brasil, ofícios do DOPS com os nomes das pessoas que eram detidas e o motivo da detenção, etc. A autora consultou a documentação pertinente no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, percebendo diversos aspectos das ações governamentais frente ao NSDAP no Brasil e conseqüentemente, a idéia da existência de um *perigo alemão*.

Em 1994, foi lançado o livro *Nacionalização e Imigração Alemã*¹⁰, organizado por Telmo Lauro Muller. Esta obra aborda as temáticas discutidas no *X Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemãs*, realizado em São Leopoldo (RS) em 1992. Diversos autores (Muller, Gertz, Kreutz, Rambo, Dreher, Kipper e Rabuske) apresentam a nacionalização em diversas instituições, como Igreja Luterana, Igreja Católica, escolas, imprensa, etc. Cabe destacar que Jaecyr Monteiro analisa a nacionalização do ensino como uma iniciativa correta e necessária para a escola e a sociedade catarinense em geral.

⁷ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240p.

⁸ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. E *O perigo Alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

⁹ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

¹⁰ MÜLLER, Telmo Lauro (org.) *Nacionalização e Imigração Alemã*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

Em seu livro¹¹, o autor utiliza o texto de Lara Ribas e João Khunem (*O punhal nazista no coração do Brasil*) para justificar sua postura de defesa da nacionalização¹². Monteiro entende que, “dentro desta filosofia enfocada pelo Estado Novo, as autoridades catarinenses agiram de forma segura e coerente, intensificando um processo que há muito estava em desenvolvimento.”¹³

A Dissertação de Mestrado de Márcia d’Acampora¹⁴ evidencia o papel da imprensa escrita na construção da xenofobia do *perigo alemão*. A autora desenvolve um trabalho em que destaca o discurso jornalístico, que vai colaborar para construir uma imagem negativa da comunidade teuta.

Temos também a Dissertação de Mestrado de Cynthia Machado Campos¹⁵. Este trabalho

[...] partiu de uma investigação acerca de estratégias educativo-assistencialistas levadas a efeito durante o período de 1930-1945 em Santa Catarina, para acompanhar as formas de intervenção desencadeadas juntos aos cidadãos catarinenses, no sentido de normatizar e regulamentar suas condutas.¹⁶

A autora aborda o período da interventoria de Nereu Ramos, e evidencia também as normatizações impostas aos alemães e a seus descendentes, pela política nacionalista do governo federal.

¹¹ MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do Ensino*. Florianópolis: UFSC, 1983.

¹² Jaecyr deixa evidente esta postura, quando explica as razões pelas quais utilizou a documentação exposta no livro de Lara Ribas. p.36.

¹³ MONTEIRO, op.cit. p.107.

¹⁴ D’ACAMPORA, Márcia. *A Construção da Imagem do Inimigo: O Papel dos Jornais durante a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis (1939-1945)*. Florianópolis: 1992. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

¹⁵ CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁶ CAMPOS, op.cit, p.4

E, recentemente, foi lançado o livro *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*.¹⁷ Nos capítulos I e II, o autor vai apontando para a articulação de *um perigo alemão*, desde a primeira República até o ápice na II Guerra Mundial. Falcão demonstra as manifestações do nacionalismo étnico alemão e o ponto de vista do nacionalismo brasileiro. Evidencia ações e arbitrariedades executadas contra os alemães durante o Estado Novo em Santa Catarina, destacando a atuação do interventor federal Nereu Ramos. “Com as mãos desatadas pelas restrições às liberdades públicas impostas pelo Estado Novo, Nereu Ramos levou adiante uma persistente campanha de nacionalização.”¹⁸

Outros aspectos que trabalhamos foram entrevistas com moradores de São Pedro de Alcântara, que vivenciaram o período abordado (história oral). Vivenciamos uma experiência marcante e, acima de tudo, emocionante. Foi formidável escutar os relatos e perceber o quanto estavam realizados em colaborar com esta dissertação. Antes das entrevistas, havia toda uma preparação. Procurávamos deixar bem à vontade o entrevistado, para que o diálogo fosse tranqüilo e proveitoso. Percebemos que havia uma certa tristeza em lembrar de alguns fatos e situações, principalmente, quando estavam inseridos nos relatos pais e irmãos falecidos. Estes depoimentos vinham carregados de muita emoção e, também, de um desejo muito forte de falar, de contar este passado tão distante, ainda habitado na memória de seus protagonistas. Ao escutar estes relatos, estamos mostrando o que Peter Burke chama de *a história vista de baixo* que, em outras palavras, significa as opiniões das pessoas comuns e sua experiência de mudança social.¹⁹

¹⁷ FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX**. Itajaí: UNIVALI, 2.000.

¹⁸ Idem. p. 167.

¹⁹ BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 12 e 13.

1 O NACIONAL-SOCIALISMO E A IMPLANTAÇÃO DO ESTADO NOVO NO BRASIL

Ao tratarmos das ações políticas e sociais ocorridas no Brasil, dentro do período conhecido como Estado Novo (1937-1945), faz-se necessária uma incursão na Alemanha totalitária, visto que os diversos acontecimentos aqui tratados neste trabalho terão ligações diretas com a Alemanha das décadas de 30 e 40.

1.1 Ascensão do Partido Nacional-Socialista

Em novembro de 1923, um grupo de extrema-direita liderado pelo General Lüdendorff e por Adolf Hitler tentou um golpe em Munique, que foi rapidamente reprimido. Neste período, Hitler era apenas um líder em ascensão do Partido Nacional Socialista Operário Alemão, cuja origem estava no Partido dos Trabalhadores Alemães, criado em 1919.

Por causa do golpe, Hitler foi punido em cinco anos de prisão, mas só cumpriu alguns meses. Na prisão escreveu *Mein Kampf* (Minha Luta), expondo as idéias que se tornariam, mais tarde, referencia teórica dos simpatizantes e adeptos do nacional-socialismo.

Na esteira da crise mundial e canalizando para si o sentimento nacionalista que era muito forte entre os alemães desde o fim da I Guerra, o NSDAP reforçava-se eleitoralmente.

As eleições de setembro de 1930 mostrariam que o eleitorado inclinava-se para o voto radical: os nazistas subiam de doze para 107 cadeiras; os comunistas, de 54 para 77 cadeiras. Os socialdemocratas e a direita nacionalista começaram a perder votos. A propaganda eleitoral nazista insistia no nacionalismo revanchista, mas não se descuidava de oferecer trabalho aos desempregados, financiamento aos agricultores, isenções fiscais aos industriais. As intenções moralistas de proteção à

família, respeito à religião e defesa da propriedade privada também se achavam presentes.²⁰

Nas eleições presidenciais de 1932, a vitória foi de Hindenburg, mas Hitler ganhou em Estados importantes, conseguindo grande número de deputados. Por isso, Hindenburg convidou Hitler para o cargo de Chanceler, dando-lhe a responsabilidade de compor o novo governo. Aumentava, assim, a participação do NSDAP nas decisões governamentais e o seu sucesso nas urnas.

Entre os sessenta e cinco milhões de alemães, a maioria dos berlinenses votaram desde 1934 nos nazistas. Aplaudiram seus plenos poderes, o exílio maldisfarçado de Hindenburg em suas terras, a liquidação dos social-democratas e dos comunistas. Não seguir os chefes nazistas. Quando tudo caminha bem, operários, camponeses, industriais, oficiais, empregados, todos se mostram satisfeitos com um regime que promete o fim do desemprego, da desordem, da corrupção, da inflação, e que vai ser bem sucedido pelo menos quanto ao desemprego, sem atacar os ricos.²¹

Com a morte de Hindenburg, Hitler assume a presidência, ficando o governo alemão em poder do NSDAP. Inicia-se, então, a formação do III Reich: os partidos políticos foram fechados (exceto o NSDAP); foi criada a Gestapo (Geheime Staatspolizei – Polícia Secreta do Estado); a economia foi controlada pelo Estado, que implantou também o trabalho obrigatório em algumas regiões e setores produtivos.

Em 1935, foi aprovada a lei racial determinando que os judeus são considerados *raça inferior*; as perseguições aos judeus aumentam e muitos são expurgados dos empregados públicos, em meio a um grande movimento anti-semita.

Adolf Hitler comandava tudo através de um Estado onipresente, com a SS (Schutzstaffeln – Unidades de Proteção) e a Gestapo, que forneciam o suporte totalitário para o

²⁰ LENHARO, Alcir. *Nazismo: o Triunfo da Vontade*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 25.

²¹ MARABINI, Jean. *Berlim no tempo de Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 36.

controle dos adversários. Assim Hitler reforçava sua imagem e obtinha o apoio das massas e da grande burguesia nacional, que financiava sua política totalitarista.

Com a consolidação do Estado totalitário²², Hitler iniciou uma política expansionista na Europa. Antes, porém, reforçou a indústria bélica, instituiu o serviço militar obrigatório e fez uma pesada doutrinação nacionalista.

A Alemanha protagonizou os principais acontecimentos que iniciaram os conflitos armados na Europa: assinou um acordo com a Itália fascista em 1936; em 1938 anexou a Áustria; colaborou com os franquistas na Guerra Civil Espanhola; em 1938 reivindicou e recebeu os Sudetos, região sul da Tchecoslováquia habitada por população germânica, iniciando uma ocupação que se completaria em 1939; nesse mesmo ano, assinou um Tratado de não-agressão com a U.R.S.S.; e, finalmente, exigiu a região de Dantzig (Polônia). Entretanto, a Polônia, aliada à Inglaterra, não permitiu essa anexação; em 01 de setembro de 1939, as tropas alemãs invadem a Polônia, e, no dia 03 do mesmo mês, a Inglaterra e a França lhe declaram guerra; começa assim, a Segunda Guerra.

Este contexto influenciou diretamente a situação política brasileira, na medida em que os acontecimentos europeus começavam a fomentar questões étnicas e nacionalistas.

Na segunda metade de 1941, a investida de Hitler contra a União Soviética e o ataque japonês a Pearl Harbor transformaram em uma guerra mundial aquilo que antes era um conflito essencialmente europeu. Embora o sul da África e a América do Sul permanecessem fora no entanto grandemente envolvidos indiretamente. O maior país sul-americano, o Brasil, entrou na guerra, como satélite dos EUA.²³

²² Metodologicamente o termo totalitário ficará definido neste trabalho, segundo Roger Griffin: “o aspecto que é posto em relevo consiste em que, em acentuado contraste com os estados *ancien régime*, tais regimes buscam deliberadamente fabricar o consenso em favor de uma pequena elite governante pela criação de organizações de arregimentação de massas, pela monopolização de todos os meios de produção cultural (especialmente os veículos de comunicação de massa) e pelo recurso a vários mecanismos de controle social. Estes incluem a propaganda, uma política ritualista a fim de impor um requintado culto ao líder e à nação, e várias técnicas de coerção que vai desde restrições legais às liberadas básicas até o terror sistemático”. OUTHWAITE, William; et. al. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 771.

²³ MANDEL, Ernest. **O Significado da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1989. p. 112.

No início do conflito, na Europa, a política brasileira, num primeiro momento, buscava uma situação de neutralidade. Ao mesmo tempo, a comunidade teuta, que guardava uma ligação com a pátria mãe e, principalmente, com aquelas que residiam nas esferas urbanas, acompanhavam com atenção a movimentação do conflito.

A derrota alemã na I Guerra e o Tratado de Versalhes foram sentidos por alguns teutos no Brasil como humilhação do povo alemão e houve algumas manifestações contrárias à República de Weimar. Entre os “germanistas” existia conseqüentemente um desejo de “reerguimento do povo alemão”; esperava-se por um “movimento de renovação”. De maneira geral o nacional-socialismo foi vivenciado como tal.²⁴

1.2 O Estado Novo

Tudo aconteceu subitamente no dia 10 de novembro de 1937, data em que Vargas desferiu o seu golpe de Estado, empunhando a Carta feita por encomenda e decretada diante de uma nação perplexa e silenciosa. Principiava o Estado Novo, único regime de governo que funcionou no Brasil com as instituições parlamentares fechadas e o povo mantido inteiramente à distância do processo político, conduzido à sua revelia, por obra e vontade onipotente do ditador.²⁵

Próximo ao fim de seu mandato constitucional, Vargas articula um meio de suspender as eleições presidenciais de 1938. Enquanto Armando Salles²⁶ defendia a legitimidade das eleições de 38, Vargas articulava um meio de suspender o pleito presidencial, objetivando o poder ditatorial. O pretexto do golpe seria a ameaça dos comunistas, chegando-se a elaborar um plano, o *Plano Cohen*. A propaganda e a mentira confundiam-se nessa farsa:

²⁴ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 95

²⁵ BONAVIDES, Paulo. *Textos Políticos da História do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, v. 9, 1996. p. 191.

²⁶ Armando Salles era candidato das oposições à presidência da República. Em 08 de novembro de 1937, divulgou um manifesto aos chefes militares do Brasil, tentando obter dos mesmos, apoio para a realização das eleições presidenciais livres e democráticas. Ver o manifesto na íntegra em BONAVIDES, Paulo. Op. Cit. p. 181 - 185.

[...] em cada rua principal deverá ser ateado fogo a um prédio, no mínimo; na falta de qualquer destes prédios escolha qualquer edifício particular, de preferência sempre o maior e o mais importante; nos bairros elegantes e plutocratas, as massas deverão ser conduzidas aos saques e às depredações, nada poupando para aumentar cada vez mais a sua excitação, que deve mesmo ser conduzida a um sentido nitidamente sexual, a fim de atraí-las com facilidade: convencidas de que todo aquele luxo que as rodeia – prédios elegantes, carros de luxo, mulheres, etc, - constituem um insulto à sua sordidez e falta de conforto, e que chegou a hora de tudo aquilo lhes pertencer sem que haja o fantasma do Estado para lhes tomar conta; as delegacias, prisões, xadrezes, etc., serão abertas e soltos todos os presos, sem distinção de sua qualidade.²⁷

Podemos perceber que este plano deixa bem definida a ameaça considerada *subversiva*. Ele previa o assassinato de vários políticos brasileiros e a formação de um governo comunista. Para defender as instituições e garantir a ordem social, Vargas outorga a quarta Constituição brasileira (1937), estabelecendo a ditadura na teoria e na prática, e se intitulado *autoridade* suprema do Estado.

O regime será sustentado pelo apoio dos chefes militares:

[...] reafirmando todo o apoio, lealdade e integral solidariedade, o Exército formula a V. Exa., por meu intermédio, os desejos de um próspero governo em 1938, a fim de se realizarem as aspirações por que o Brasil anseia. Dele V. Exa. tem a promessa solene de bem servir à Pátria e tudo fazer pelo seu engrandecimento.²⁸

Uma política nacionalista norteou diversas ações do regime, na qual alguns órgãos foram criados com a finalidade de proporcionar o controle e a divulgação das idéias da nova ordem política e social imposta. A figura de Vargas estará ligada a uma *nova era* da política brasileira. Ele é o chefe ideal para conduzir o Brasil. Articula-se, mesmo a liberdade não sendo um fator essencial para garantir conquistas sociais: “O princípio de liberdade não

²⁷ Idem. p. 150 - 151.

²⁸ Reiteração do apoio do Exército a Vargas. Discurso do Ministro da Guerra no Palácio do Catete (jan. 1938). BONAVIDES, op. cit. p. 205.

garantiu a ninguém o direito ao trabalho, à educação, à segurança. Só o Estado forte pode exercer a arbitragem justa, assegurando a todos o gozo da herança comum da civilização e da cultura.²⁹

Como um dos instrumentos de apoio ao regime ditatorial imposto em 1937, Getúlio criou o D.I.P. (Departamento de Imprensa e Propaganda) em dezembro de 1939. Com o D.I.P., o governo pode controlar efetivamente todas as instituições do país, determinando o seu funcionamento conforme serviam aos interesses. Órgãos governamentais foram encarregados de organizar festas e comícios oficiais visando aproximar o povo ao governo.

Neste sentido, o D.I.P. foi um dos instrumentos que possibilitou o aumento da intervenção do Estado nas áreas de comunicação e da cultura. Sua função era esclarecer a opinião pública sobre as normas do regime, atuando na defesa de uma cultura tipicamente brasileira. São promovidos grandes comícios, desfiles de trabalhadores e crianças, e as festividades do *Dia do Presidente*.

Durante o período, foram organizados órgãos de controle dos atos e idéias. A peça fundamental era o Departamento de Imprensa e Propaganda, que tinha amplos poderes sobre os meios de comunicação e se encarregavam da organização da propaganda. Foi com o advento do Estado Novo que o governo sentiu, mais fortemente, a necessidade de investir na propaganda. Neste sentido, lançou mão de todos os recursos das novas técnicas de persuasão que estavam sendo usadas em diversos países, especialmente na Alemanha de Goebbels.³⁰

A propaganda patriótica marcará todo o período. É por meio do rádio, instrumento muito utilizado nesta fase, que o presidente *entra* na casa de todos os brasileiros, percebendo-se que a vida cotidiana vai sendo inserida no processo político do Estado Novo.

²⁹ CAMPOS, Francisco. *O Estado Nacional e suas Diretrizes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937. p. 62.

³⁰ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em Cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998. p. 69.

Pelo rádio, o poder se faz presente em todo o país e pessoaliza a relação política com cada cidadão, a quem é imposta a restrição de sua participação política, através de “palestras afetuosas com os trabalhadores”. Pelo rádio, o poder vasculha a intimidade de cada um, atomiza a condição política de cada cidadão para condensá-lo simbolicamente no coletivo da nação. [...] para o ministro do trabalho, na impossibilidade de se fazer fisicamente presente em cada lar brasileiro, o rádio supria e compensava essa ausência ao propor, sem possibilidade de contrapartida, uma participação política limitada às ofertas da presença invisível do poder.³¹

Concomitante a implantação das diretrizes nacionais, a campanha nacionalizadora vai tomado contornos mais definidos, articulando um alerta maior contra o elemento estrangeiro e seus descendentes que conservavam a cultura da pátria de origem.

Durante a década de trinta, até os anos de 1938 e 1939, podemos classificar como boas as relações entre o Brasil e a Alemanha. Alguns autores estabeleceram o ano limite de 1938 e 1939, pois, a partir deste período, o controle sobre o estrangeiro será maior, inclusive com leis bem definidas. Seyferth destaca que:

A ação mais repressiva, levada a efeito pelo exército a partir de 1939, foi precedida pela nacionalização do ensino. [...] A situação de conflito se agravou a partir de 1939, com a ampliação da atividade nacionalizadora, que passou a ser coordenada por unidades do exército. [...] O objetivo da campanha seria terminar com as minorias nacionais através de uma legislação rigorosa.³²

Também Marionilde Brepohl, “ênfatisa que com a Segunda Guerra, o mito do perigo alemão e a imagem do imigrante desta origem como um arauto de Reich são confirmados pelos acontecimentos.”³³ Mesmo com o advento da guerra (1939) e, apesar das situações de *alerta* e controle sobre os teutos, a relação com a Alemanha continuava a existir.

³¹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986. p. 42.

³² SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 180 a 183.

³³ MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP. 1998, p. 77.

Não podemos incluir, no mesmo *estágio*, a campanha nacionalizadora e a política externa com a Alemanha nazista. Gertz enfatiza que “até 1938, quando foram tomadas a nível nacional as primeiras medidas contra os teutos e contra as atividades do grupo nacional-socialista no Brasil, o governo brasileiro demonstrou simpatia crescente em relação ao regime nacional-socialista.”³⁴

Ainda sobre a década de trinta e início da de quarenta, podemos perceber algumas simpatias do regime varguista com o nazi-fascismo. Iniciada a guerra, eram diversos os simpatizantes dos regimes totalitários europeus, notadamente a do nazismo. Em 1940 a embaixada alemã confere a condecoração da Águia Alemã a oficiais do exército brasileiro, destacando-se os generais Góis Monteiro e Eurico Gaspar Dutra. Após a condecoração dos oficiais, pelo próprio embaixador alemão no Brasil, Góis Monteiro fez um longo discurso, em que destacamos:

Exmo. Snr. Embaixador do Reich alemão. Neste ato, a que a presença de V. Excia. empresta tanto realce e solenidade, o Exmo, Snr. Ministro da Guerra do Brasil, distinguiu-se com a incumbência de ser o intérprete dos sentimentos dos oficiais brasileiros, que acabam de ser condecorados pelo governo do Reich alemão. Recebemos, Exmo. Snr. Embaixador, profundamente desvanecidos, a honrosa distinção que nos foi conferida pelo Fühler e Chanceler do Reich alemão, e temos o mais alto apreço as palavras de V. Excia. Sabemos do grande valor e significação das condecorações com as quais somos agraciados, e sabemos, também, que somente em casos bem excepcionais são elas concedidas pelo Reich a personalidades estrangeiras, representando, antes, mais um reconhecimento a méritos pacifistas. [...] Para nós é motivo de real alegria e justo orgulho receber, com alta distinção que nos é conferida, a afirmativa de que convive no ambiente fraternal de nossa terra. Sr. Embaixador, manifestamos, com elevado apreço, ao Fühler do Povo Alemão, na pessoa de seu respeitável e ilustre representante no Brasil, o nosso profundo e muito sincero reconhecimento.³⁵

³⁴ GERTZ, op.cit. p. 63.

³⁵ EXÉRCITO BRASILEIRO. *Anais...* Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940. p. 35 -36.

Nota-se uma troca de gentilezas entre a oficialidade do exército brasileiro e a embaixada alemã. Eram notórias as simpatias de Góis Monteiro e Dutra pelo regime nacional-socialista, que, em parte, inspirava muitas ações na política brasileira. Contudo, esta simpatia preocupava os norte-americanos, que não desejavam ter o Brasil pendendo para o lado do eixo. Isto porque pela importância política do Brasil na América do Sul e, também, pela posição estratégica-militar que o Brasil representava no continente americano. Vargas procurava adotar uma postura neutra, objetivando tirar vantagens de todos os lados.

Fica evidente, num relatório de um oficial de ligações do Departamento de Estado norte-americano, citado em 1º de julho de 1940, uma postura de neutralidade e, até, de simpatia dos chefes do Estado Maior brasileiro, Góis Monteiro e do Interventor Federal no Rio Grande do Sul, Cordeiro de Farias pelo nazismo, naturalmente que estas evidências são enfatizadas como opinião do relator oficial:

O General Góis Monteiro tem relações muito cordiais com os alemães, e acredito que é provável que tenha pelos alemães apreço mais sincero do que por nós. De qualquer modo, parece ser realista, e, se pudéssemos oferecer-lhe algo concreto e convence-lo de que estamos prontos a agir, ele se mostraria propenso a alinhar-se conosco. [...] O Coronel Farias disse-me com freqüência que a Alemanha era o melhor cliente do Rio Grande do Sul, e que ele não achava que o Brasil podia arcar com a responsabilidade de ofender a Alemanha desnecessariamente. [...] Afirmou que tanto ele como o presidente sentiam que o Brasil estaria sendo “posto na parede”, se forçado a escolher entre a Alemanha e os Estados Unidos.³⁶

Percebe-se que o Departamento de Estado dos EUA mostrava-se preocupado com as relações Brasil-Alemanha. Temia-se que uma vitória nazista na Europa pudesse influenciar uma reação diplomática do Brasil, explicitamente, pró-Alemanha. A diplomacia dos Estados Unidos e da Inglaterra começava a se preocupar com as simpatias disfarçadas do governo com o nazismo:

³⁶ BONAVIDES, op.cit. p. 320.

Ninguém que esteja familiarizado com o cenário brasileiro duvida que os nazistas estejam perto do seu objetivo neste país, apesar do ideal nazista ser diametralmente oposto ao temperamento brasileiro. A menos que se exerça uma contrapressão quase que imediatamente, não pode haver dúvida de que, na eventualidade improvável de uma vitória nazista ou caso de uma posição de empate que deteriore em paz e deixe os nazistas invictos na Europa, os alemães terão conseguido assentar uma sólida base nesta parte da América do Sul, de onde poderão facilmente ameaçar os Estados Unidos da América. Faz-se necessária pressão real, não apenas através de expressões vazias e recomendações zelosas que rapidamente se perdem em arquivos empoeirados.³⁷

A preocupação fica evidente e Vargas procura tirar vantagens econômicas das lutas entre os dois blocos. São conhecidos os esforços brasileiros para conseguir financiamento da Alemanha ou dos Estados Unidos para a montagem de uma usina siderúrgica, que terminou sendo construída em Volta Redonda (RJ), com a ajuda norte-americana.

Diante da guerra, do perigo nazista, da necessidade de os Estados Unidos se afirmarem na América e, também por causa do espírito aberto de Franklim D. Roosevelt, o governo americano, através do Export and Imnport Bank, empresta 20 bilhões de dólares, que com os 25 milhões brasileiros (setembro de 1940), formam o capital da Companhia Siderúrgica Nacional (janeiro de 1941).³⁸

Em dezembro de 1941, depois do ataque japonês a Pearl Harbour, os Estados Unidos entraram em guerra contra o Eixo (Alemanha – Itália – Japão). O governo estadonovista começa a desarticular a sua neutralidade e vai distanciar-se diplomaticamente da Alemanha. Em seguida, as relações com os países do Eixo são rompidas.

O Brasil, por sua vez, faz uma opção decididamente pró americana. Em 08 de dezembro, Getulio Vargas envia a Roosevelt um telegrama onde declara que: convoquei os membros do meu governo e decidimos por unanimidade que o Brasil

³⁷ MORAES NETO, Geneton. *Nitroglicerina Pura*. Rio de Janeiro: 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992 p. 98.

³⁸ CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1972. p. 80.

se declarasse solidário com os Estados Unidos, coerente com as suas tradições e compromissos na política continental.³⁹

O Brasil começa a direcionar sua política para um alinhamento com os Estados Unidos, sendo que o torpedeamento de navios brasileiros, atribuídos aos alemães, iria acelerar o jogo político na América do Sul.

O ataque contra o Baependi marca uma nova etapa na escalada da marinha de guerra do Eixo contra os transportes marítimos brasileiros. Se até o momento os alvos foram exclusivamente os navios mercantes, a partir de 15 de agosto de 1942, o Eixo não hesita em atacar navios de passageiros. No mesmo dia e em condições semelhantes, o Araraquara é vítima do U-507. Morrem 127 pessoas. No dia seguinte, o U-507 afundou um terceiro navio de passageiros, Aníbal Benévolo, fazendo 150 vítimas entre mortos e desaparecidos. Em 17 de agosto, o submarino alemão ataca o navio de passageiros Itagiba, provocando 39 vítimas e, poucas horas depois, põe a pique o Arara (20 mortos).⁴⁰

Os afundamentos originaram um clima de indignação pelo país, levando a população a sair às ruas – principalmente nos grandes centros urbanos – e a pedir represálias. O nacionalismo brasileiro cresce, pois, afinal de contas, “está em jogo a honra nacional”.⁴¹ A declaração de guerra estava muito próxima, os acontecimentos encaminhavam para uma ruptura entre Brasil e Alemanha. “Em 22 de agosto, o gabinete se reúne e decide reconhecer a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e a Itália. [...] A 31 de agosto, a beligerância se transforma em estado de guerra entre o Brasil, a Alemanha e a Itália.”⁴² Neste momento, certamente, Góis Monteiro e Dutra guardaram suas condecorações recebidas em 1940 do embaixador alemão.

³⁹ SEITENFUS, Ricardo. *A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2.000, p. 277.

⁴⁰ Idem, p. 313.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem, p.316.

Após a declaração de guerra, as forças armadas brasileiras iniciam os preparativos que irão levá-las ao teatro de operações na Itália. Em 1944, é enviada para a Itália a FEB (Força Expedicionária Brasileira), com um efetivo de 26 mil homens, para incorporar-se aos exércitos aliados, contribuindo assim à libertação da Itália.

Combatendo o totalitarismo Alemão, o governo de Getúlio entra num grande antagonismo:

A partir da entrada do Brasil na guerra, a situação do governo Vargas, em particular a do Presidente-ditador, torna-se desconfortável. Getúlio combate oficialmente contra o eixo pela liberdade e pela democracia, ao mesmo tempo em que mantém o país sob um regime ditatorial, copia empalecida das ditaduras européias. Tal paradoxo será fatal para Getúlio Vargas, destituído pelos militares em outubro de 1945.⁴³

Paralela à política externa brasileira, ocorreu uma intensificação do projeto nacionalista, que estava sendo executado no país.

Com o golpe de 1937, o projeto político de cunho nacionalista passou a existir com seus contornos bem melhor delineados e claros.[...] Getúlio Vargas não fora o criador do nacionalismo brasileiro, pois esta já vinha se desenvolvendo desde o final do século XIX, com o advento da República, alcançando sua eficácia política e apogeu durante o Estado Novo, quando o regime se tornou crescentemente radical. Vale dizer que o nacionalismo cultural buscava a identidade nacional a partir dos aspectos da cultura brasileira atrelados à idéia de um nacionalismo político pautado na noção do unitarismo do corpo social viável através da ação de um Estado centralizador e autoritário, responsável por reger a sociedade nos moldes nacionalista.⁴⁴

Desta maneira, o Estado Novo buscará, em sua política nacionalista, um fortalecimento do próprio regime e uma justificativa para sua manutenção. Portanto, “a presença do estrangeiro e, principalmente, daquele que não havia promovido uma interação

⁴³ Idem. p. 317.

⁴⁴ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 42.

com a sociedade brasileira, mantendo-se fechado em suas colônias, preservando seus hábitos, costumes, língua, passou a ser extremamente perigosa, uma vez que colocava em risco a construção da brasilidade empreendida pelo Estado Nacionalista.⁴⁵

Podemos observar, então, que com a declaração de guerra ao Eixo (1942), as ações nacionalizadoras contra o elemento estrangeiro tomarão contornos bem definidos, visto que até 1942, os decretos e as leis do governo procuravam atingir, principalmente, as manifestações do NSDAP no país. Porém, “depois de 1942 se voltou de forma generalizada contra tudo que fosse “alemão” ou relacionado com o Eixo.”⁴⁶

Desta maneira, a Segunda Guerra Mundial já a partir de 1939, traz a idéia do eminente perigo que os alemães representam, idealizada pela iniciativa alemã de iniciar um conflito por expansão territorial. A declaração de guerra feita pelo Brasil serviu para reforçar a idéia de ameaça que a Alemanha representava não só para a Europa, mas também para o continente americano e,conseqüentemente, para o Brasil.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando a idéia de “perigo alemão” foi exacerbada as ultimas conseqüências, o alemão foi identificado como nazista, enquanto que nazismo passou a ser sinônimo de atrocidade e maldade, selvageria e matança, insensibilidade e desumanidade. O “perigo alemão” se apresentou de forma mais ameaçadora do que fora visto até então. Foi possível veicular essas imagens à medida que já existiam no imaginário brasileiro – pelo menos – elementos receptivos à idéia da real existência de perigo alemão.⁴⁷

No início da década de 40, algumas publicações irão fazer voz a ameaça que representa o nazismo e os teutos para o Brasil. O livro de Lara Ribas e Joao Kuhnem: *O punhal nazista no coração do Brasil* mostra os supostos planos de denominação alemã na América do Sul, especificamente, em Santa Catarina. A Obra de J. Bauer Reis: *O nazismo*

⁴⁵ PERAZZO, op. cit. p. 42.

⁴⁶ GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1991, p. 65.

⁴⁷ PERAZZO, op. cit. p. 51.

sem Máscara, lançado em 1938, trabalha também com as pretensões dominadoras dos partidários do nacional-socialismo. Temos, inclusive, a publicação de Aurélio da Silva Py: *A 5ª Coluna no Brasil*, que evidencia, segundo o autor, a *conspiração* nazi no Rio Grande do Sul. Py exprime um conceito bem determinante de nacionalização, segundo um artigo de Marli Moreira:

Nacionalização, segundo o autor, seria livrar a nação brasileira de qualquer resquício da língua alemã, em escolas, sociedades e igrejas e, assim, acabando com elas, poder dizer que o Brasil estava livre do “capeta que já havia espetado com uma taquara”, através do cumprimento do seu dever do trabalho do Tenente-Coronel do Exército brasileiro e Chefe da Polícia do Rio Grande do Sul.⁴⁸

Existe uma similaridade entre as edições de Lara Ribas e Py, sempre evidenciando o caráter nazista da região sul, com seus núcleos de alemães e teuto-brasileiros. Estes livros foram escritos durante o Estado Novo, generalizando e tratando o assunto através de uma construção histórica repleta de interesses e objetivos que visavam alertar o perigo que os alemães representavam para a nação brasileira.

Vários panfletos e pequenas publicações também foram produzidas para serem distribuídas em escolas, centros cívicos e unidades militares, sempre alertando contra o perigo e a ameaça dos *dominadores alemães*. Foram cedidos para o autor do presente trabalho, oriundos da biblioteca do Cel. do Exército David Trompowsky Taulois⁴⁹, diversas publicações que especificavam o perigo que representavam os alemães e os seus descendentes.

⁴⁸ MOREIRA, Marli. In: MÜLLER, Telmo Lauro (Org.) *Nacionalização e imigração alemã*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994, p. 155.

⁴⁹ O Cel. David Trompowsky Taulois, prestou seus serviços militares no Rio de Janeiro – na época capital Federal – sendo que sua biblioteca possuía diversas publicações do período estadonovista. Sua esposa – Sra. Alba Lucy Trompowsky Taulois – que reside atualmente na Av. Trompowsky, doou para este trabalho, diversos livros e publicações do período. Algumas destas publicações estarão sendo analisadas e inseridas no Capítulo 2.

Ao analisar bibliografias e documentos, percebemos como se deu a construção do *Perigo Alemão*, visando envolver as comunidades teutas em padronizações de condutas, nas quais não estavam inseridas. A interferência no seu cotidiano será realizada arbitrariamente e legitimada por um Estado repressor, cujos objetivos estavam bem demarcados.

2 A CRIAÇÃO DO INIMIGO

2.1 A Ameaça Alemã

Na República Velha já se manifestavam preocupações que alertavam para as tramas alemãs, enfatizando seu caráter de dominação territorial. Ao observar a obra de Sílvio Romero, *O alemanismo no sul do Brasil*, Falcão destaca os alertas do autor:

Sílvio Romero apresentava nesta pequena obra um conjunto de ponderações com o intuito de alertar o governo, as autoridades, e a própria opinião pública do país, quanto aos riscos que ele percebia numa política de colonização que fixou um grande número de imigrantes da mesma procedência em certas áreas no sul do Brasil⁵⁰

Acusavam o imigrante de não se integrar à cultura brasileira, mantendo-se afastado dos valores nacionais, preservando apenas suas tradições trazidas da Europa.

Acusação repetida contra alemães e descendentes, desde o início da imigração em 1824, é o de não-integração. Esses colonizadores se manteriam à margem da nação brasileira pela ausência de miscigenação, pela conservação da língua, do que resultaria uma verdadeira anticiudadania brasileira.⁵¹

Esta anticiudadania, segundo um pensamento articulado nas décadas de 10 e 20, deveriam ser combatidas e desarticuladas nas colônias, pois era uma necessidade imperiosa para a segurança da nação, visto que

⁵⁰ FALCAO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e Amanha**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: UNIVALI, 2000. p.63.

⁵¹ GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. p. 13.

[...] a sinistra Alemanha estava sempre sonhando em estender seus tentáculos sobre o Brasil; enfim, a trama sorrateira de inimigos que, ocultos nas sombras, pretendiam separar a porção sul do país a fim de construir um novo Estado independente e soberano.⁵²

Politicamente, a existência da idéia de uma ameaça alemã também já era coerente, tanto que em “1911, Lauro Muller, líder republicano de grande prestígio em Santa Catarina, sente-se motivado para proferir no Senado Federal um discurso onde contesta a existência de um perigo alemão.”⁵³

Lauro Müller⁵⁴ foi um político de muito prestígio nas décadas de 10 e 20. Era descendente de alemães, portanto sempre vinculado às questões políticas que envolviam os teutos.

Durante meados dos anos vinte e, mesmo no início dos anos trinta, ocorreu uma certa calma nas articulações que acusavam os alemães.

Governado por republicanos que tinham como forte base de apoio eleitoral as zonas coloniais, o estado não sofreu muitos sobressaltos quanto a isto, ainda que seus mandatários tivessem relutado em abdicar de suas produções, após a mobilização militar que levou Getulio Vargas à presidência da República em 1930. desta maneira, a preocupação em nacionalizar, a todo custo, as populações de origem que não ibéricas, ou mais propriamente portuguesas, ficou um tanto esquecida, assim como o tema do perigo que elas poderiam representar à unidade territorial do país, foi relegado a um temporário ostracismo.⁵⁵

Será dentro deste contexto de calma, que o NSDAP alcançara uma relativa divulgação nos núcleos coloniais alemães, tendo em vista que “o nazismo, retomando ideologicamente o germanismo e recolocando a Alemanha numa posição de força no contexto

⁵² FALCÃO, op. cit p.65.

⁵³ Idem. p. 71.

⁵⁴ Para verificar a carreira política de Lauro Muller, consultar: PIAZZA, Walter Fernando. (org.) **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 477.

⁵⁵ FALCAO, op. cit. p. 123.

internacional, produziu naturalmente um efeito de reavivamento do movimento germanista.⁵⁶

Tal manifestação podia ser percebida em diversos aspectos da vida social dos teuto-brasileiros, como revela a imagem abaixo:



Figura 3 – Foto da Manifestação em Canoinhas no Dia do Trabalho em 1934.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC.

Durante a Segunda Guerra Mundial, houve um considerável aumento de acusações contra os alemães, proclamando-os como agentes do nacional-socialismo e ligando-os diretamente aos atos e horrores praticados pelo nazi-fascismo na Europa. Ser nazista era ser partidário de um regime que matava, invadia países, cerceava a liberdade, promovia fuzilamentos sem defesa prévia; justificava-se inclusive as intenções dominadoras do III Reich sobre o Brasil, que só seriam possíveis com a ajuda de seus *espiões* aqui residentes.

⁵⁶ GERTZ, op. cit. p. 40.

Portanto, com este medo bem alicerçado – principalmente nas áreas com a presença de imigrantes e seus descendentes – o Estado aproveitará dos elementos que dispõe para construir uma realidade social, que servirá para legitimar suas ações, ou ainda, como diz Roger Chartier, “identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”⁵⁷

Serão estas construções que nortearão as publicações de jornais, revistas, cartazes e livros que servirão para combater o nacional-socialismo e seus adeptos no Brasil.

Sobre a idéia de que a Alemanha tinha intenções de promover uma dominação territorial no Brasil, Gertz afirma que:

Pesquisas recentes, com maior suporte documental, no entanto, tem mostrado que a existência de um plano para conquista político militares na América do Sul não pode ser comprovada. Na realidade não teria existido uma concepção clara sobre a política a seguir em relação a esta região.⁵⁸

A idéia do Perigo Alemão⁵⁹ estava alicerçada a diversos segmentos sociais. Militares, principalmente do Exército e das polícias estaduais, alertavam para os planos expansionistas de Hitler na América, enfatizando sempre o caráter colaboracionista dos teutos que aqui residiam. O Tenente-Coronel Aurélio da Silva Py, chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, deixa bem evidente esta faceta quando comenta o plano pangermanista de dominação:

Muita gente há que entende que o plano alemão de conquista do mundo – em que o Brasil é incluído como uma das presas mais cobiçadas – é criação do nazismo e só

⁵⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p.17.

⁵⁸ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p.75.

⁵⁹ O termo Perigo Alemão é citado por diversos autores que trabalham com as questões que envolvem a imigração alemã, tais como: germanidade, nacional-socialismo, espionagem, etc. Para os autores que enfatizam a ameaça que os teutos representam, este termo tem uma conotação de verdade absoluta, pois os alemães são mesmo um “perigo”; já os autores que escrevem sobre este período de uma maneira mais complexa, observam que este termo tem um sentido de construção de uma realidade social. Este termo já era usado durante a Primeira República para designar a ameaça que representavam os alemães que viviam alheios aos padrões culturais brasileiros.

surgiu, mesmo, do cérebro de Hitler. Entretanto, o que o nacional-socialismo alemão começou a por em prática e vem executando em condições tão assombrosas, nada mais é do que um plano de longa data elaborado e carinhosamente acariciado pelas gerações alemãs que se sucedem.⁶⁰

Neste livro Py coloca em destaque o grande plano nazista de denominação, pois através de buscas e apreensões, a polícia gaúcha recolheu grande quantidade de materiais com a cruz suástica e diversas correspondências da Alemanha para o Brasil, endereçadas ao Consulado alemão de Porto Alegre. Atuando apenas numa direção e generalizando conceitos e idéias, a polícia do Rio Grande do Sul expõe com grande eficiência o Perigo Alemão e a necessidade de combatê-lo.

Uma das instituições, que também representava uma ameaça para o Brasil, era a Igreja Evangélica Luterana, visto que não foram poucas as acusações contra pastores, classificando-os como disseminadores e agentes de propaganda do nacional-socialismo. Citando a religião como um trampolim para divulgar o nazismo, Py atesta que:

O pastor protestante, em geral, há muito foi transformado em tribuno político, pregando muito mais pelo "Füehrer" que por Deus. Ele misturou os princípios religiosos com postulados de natureza estritamente política, entremeou o Evangelho com o programa do NSDAP. [...] O sacerdote perde aos poucos as características de sua missão apostolar. A serenidade de espírito que lhe emprestou a fé para distingui-lo entre os mortais é trocada pelo fanatismo violento, pelo atrevimento faccioso.⁶¹

As Comunidades Evangélicas Alemãs tiveram, então, suas atividades vigiadas e foram alvos de seguidas investigações. Os cultos em alemão foram suprimidos, visto que um decreto federal, proibia o uso do idioma estrangeiro. A *Igreja dos Alemães* era, portanto, um lugar onde, certamente no imaginário construído do Perigo Alemão, as tramas nazistas para a

⁶⁰ PY, Aurélio da Silva. *A 5ª Coluna no Brasil. A Conspiração Nazi no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Livraria Globo, 1942, p.11.

⁶¹ Idem. p. 209 e 212.

América estavam em constante debate e planejamento. Faz-se necessário dizer que, realmente, alguns pastores eram simpatizantes de Hitler e difundiam o nacional-socialismo em suas comunidades. Porém, o que o Estado fez foi classificá-los, indistintamente, de nazistas.

Foi um período em que nos buscaram aniquilar. Tiraram nossas escolas, fecharam nossos templos, incendiaram nossas igrejas e casas pastorais. Fomos expostos a execração pública. Buscaram destruir nossa memória. Em nosso templo, escoltado por integrantes da Liga de Defesa Nacional, o pastor de nacionalidade alemã, teve que solenemente instalar ao lado do altar a bandeira nacional. [...] Aurélio da Silva Py fez a afirmação, José Pereira Coelho de Souza assumiu e continuou reafirmando até o final de seus dias: A Igreja Evangélica Luterana é um entreposto cultural do nazismo ou um trampolim nazista.⁶²

Não foram apenas as comunidades evangélicas luteranas que sofreram as ações nacionalizadoras, mas também as paróquias católicas freqüentadas por teutos e as ordens religiosas de origem alemã, sofreram impedimentos e fiscalizações por parte dos órgãos oficiais. Podemos analisar o caso da Congregação das Irmãs da Divina Providencia, em Florianópolis. Aquela instituição mantinha um colégio em regime de internato. Conforme Boppré, o fato de tratar-se de uma congregação que utilizava constantemente o idioma alemão entre suas religiosas foi alvo também de atitudes radicais por parte dos órgãos oficiais:

Não foram raros os atritos com elementos da maioria populacional luso-brasileira e do próprio governo federal e estadual, encaminhando particularmente exaltado, na época e no afã nacionalista. Era muito comum, por exemplo, nas horas das refeições, irromperem dois ou três homens pelo refeitório adentro... assim, sem mais nem menos. Eles iam entrando! Mas eu não tinha medo e perguntava o que eles queriam, porém, não respondiam. Eu acho que eles viam inspecionar, nos olhavam com muita desconfiança por sermos alemãs.⁶³

⁶² DREHER, Martin N. in: Müller, Telmo Lauro. (org.) **Nacionalização e Imigração Alemã**. São Leopoldo: Unisinos, 1994. p. 89.

⁶³ BOPPRÉ, Maria Regina. **O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense (1898-1988)**. p. 174 e 175.

Dentro da perspectiva de perigo, a Igreja de origem alemã foi, portanto, uma instituição a ser mantida sob controle e constante vigilância.

A Alemanha nazista, que supriu o direito da propriedade e das liberdades individuais, dentro das suas próprias fronteiras, pretendeu sempre muito mais que as simples imposições ideológicas, pois o que ela ambicionava de fato é a conquista, pela força das armas, de vastos territórios na Europa, na Ásia, África e América do Sul, pela escravização integral de dezenas de nações livres progressistas.⁶⁴

Nas palavras acima citadas, Ribas procura evidenciar as intenções dominadoras do nacional-socialismo no Brasil. Sua obra aponta apenas para uma direção, não analisando todo o contexto social. Neste livro, o estado catarinense aparecerá como uma das principais células de disseminação da doutrina do NSDAP. Não se quer negar a presença de divulgadores do nazismo em Santa Catarina. Em qualquer estudo do período desta dissertação, percebe-se a influência do nacional-socialismo em muitas colônias, porém colocar tais atos e idéias como uma ameaça à soberania territorial do país é, no mínimo uma atitude precipitada e generalizadora.

Deve-se acrescentar ao livro de Ribas a publicação de várias correspondências que são trocadas entre membros do Partido nazista do Brasil. Tais cartas sempre terminam – antes da assinatura do autor com a expressão *Heil Hitler*, demonstrando, assim, a vinculação com a Alemanha de Adolf Hitler. No fechamento de seu capítulo I, Ribas ainda insiste, argumentando em tom profético que:

Não é exagero afirmar-se que o NSDAP, entrelaçando com seus tentáculos todas as suas organizações culturais, sociais, instrutivas, desportivas, comerciais e religiosas, alemãs e teuto-brasileiras existentes no Brasil, pretendeu constituir de fato um pequeno Estado alemão dentro do Estado brasileiro, com toda a sua máquina

⁶⁴ RIBAS, Antonio de Lara. **O Punhal Nazista no Coração do Brasil**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1943. p. 18.

administrativa, pronta para o assalto final. Essa verdade que nenhum brasileiro de bom senso pode negar.⁶⁵

Observamos, então, que as obras de Py e Ribas, caracterizadas pelo caráter parcial e a vinculação do teuto com o nazismo, revelam o quanto os autores estavam comprometidos com o regime estadonovista, pois ambos, como chefes de polícia do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina respectivamente, estavam ligados diretamente à repressão aos estrangeiros e a seus descendentes.

2.2 A Importância das Publicações para Popularizar o Perigo Alemão

A imagem do inimigo, neste caso dos alemães identificados como nazistas, deveria ser colocada à mostra, também, em revistas e folhetins que tivessem um alcance maior do que um livro.

Diante desta necessidade de expor o horror que era a Alemanha hitlerista e seus contatos com os países da América, cenas de agressão, fuzilamentos e traição irão compor as páginas destas produções. O livreto *A Quinta coluna aguarda a hora decisiva*⁶⁶ vem com uma série de artigos que abordam as diversas etapas do expansionismo, relatando a imperiosa necessidade de combater as ambições nazistas. Destacamos os principais títulos:

- A Quinta coluna na Polônia organizou uma base avançada de auxílios para o invasor;
- A Noruega foi traída pelas crianças austríacas adotadas em 1919;
- As defesas holandesas foram paralisadas pela guarda avançada secreta do Exército alemão;

⁶⁵ RIBAS, op. cit. p.86.

⁶⁶ *A Quinta Coluna Aguarda a Hora Decisiva*. (s.e., s.a, s.d.)

- E agora a Quinta Coluna da América Latina, a mais eficiente de todas, está à espera da hora zero;
- Como pode a América Latina escapar à sorte cruel da Europa? A única solução é golpear primeiro, golpear rapidamente e golpear de maneira decisiva.

Estes títulos evidenciam o caráter de urgência que se tem de levar em conta para combater a *Quinta Coluna* e seus agentes. Articulando um imaginário impiedoso e ingrato, destaca que,

[...] na sua pobreza, os camponeses e pescadores da Noruega ajudaram a salvar a Áustria da aniquilação. Eles tomaram as crianças austríacas em suas próprias casas e alimentaram-nos com o mesmo alimento que davam aos seus próprios filhos.⁶⁷

Nesta parte do texto, o autor destaca a piedade para com órfãos austríacos (germanos) e a caridade para com eles, sendo que, em seguida expõe seu caráter traidor e facínora : “A Áustria foi anexada ao Reich, seus homens incorporados ao exército nazista [...] Ensinarão-lhes a atirarem em pára-quedas e assassinarão funcionários desarmados. Eles voltaram afim de mutilar as mãos que tinham alimentado.”⁶⁸ O caráter facínora torna-se explícito. O *perigo* fica evidenciado quando se aborda os alemães que já vivem um certo tempo em outro território, mostrando, em caso de guerra, que eles iriam obedecer e servir aos nazistas. Neste exemplo, o artigo destaca a invasão alemã na Holanda: “Alemães que viveram na Holanda durante vinte anos ou mais, repentinamente deixaram cair a máscara da amizade e de suas janelas atiravam traiçoeiramente nos seus iludidos vizinhos holandeses.”⁶⁹ O sentido de ameaça podia se fazer presente até mesmo em um vizinho amigo que, frente aos avanços nazistas, mostraria a sua verdadeira face e a serviço de quem ele estava.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

É comum em todos os artigos desta publicação, afirmar que os alemães constituem um estado próprio, dentro do território em que habitam. São acusados de não se integrarem aos costumes e às tradições da pátria que os acolheu.

Ainda encontrava-se, também, em suas páginas, um mapa destacando a região sul do Brasil, com várias indicações de uma atuação nazista para dominar todo o Brasil meridional. Enfatiza-se novamente a ameaça à soberania territorial brasileira, apontando para planos de invasão e conquista. São defendidas ações enérgicas e fortes contra o inimigo: “Há somente um modo de se tratar a Quinta Coluna, e é o de aplicar métodos totalitários a este sinistro ideal totalitário. Deve-se tornar a Quinta Coluna impotente pela repressão total e não apenas por prisões isoladas e expulsões individuais.”⁷⁰ Esta repressão foi muito bem colocada em prática contra os teutos no Brasil. Deve-se aqui fazer menção aos que não foram alvos destas ações, não apenas os alemães e seus descendentes; também os italianos, japoneses e seus descendentes foram vítimas de semelhantes atitudes, não sendo focalizadas pelo presente trabalho, que aborda especificamente os alemães.

Uma publicação, também em forma de quadrinhos, favoreceu certamente, a construção do medo entre os brasileiros. Em forma de gibi⁷¹, apresentava a figura do ditador Adolf Hitler em destaque, mostrando facetas do seu caráter como mentira, falsidade e crueldade. Infelizmente, tal publicação não contém nenhuma informação quanto ao autor, à editora e aos responsáveis pela publicação. Percebe-se, em seu conteúdo, uma exaltação aos ideais de liberdade e expressão exercidos no Estado Unidos da América, destacando-se inclusive o presidente Franklim D. Roosevelt e a bandeira norte-americana, que aparece em diversas páginas. A publicação segue mostrando um Adolf Hitler implacável e dominador, evidenciando sempre o desejo de conquistar a América, com podemos perceber na página seguinte:

⁷⁰ Idem

⁷¹ Entende-se por gibi, as publicações realizadas em forma de desenhos quadro a quadro; são semelhantes às publicações realizadas pela editora Abril com os personagens Disney.



Figura 4 – História em Quadrinhos de Adolf Hitler.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC

Apesar de não conter dados bibliográficos, esta publicação enfatiza constantemente a liderança norte-americana nas Américas e a sua missão de salvaguardar o continente das

ameaças nazistas. A imagem do Tio Sam com dizeres do tipo: *Os Estados Unidos lutam pela justiça, pela liberdade e pela decência*, confirma este caráter protecionista que os norte-americanos outorgam para si, como fica evidente na ilustração abaixo.



Figura 5 – História em Quadrinhos da II Guerra Mundial

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC

A exemplo de uma publicação que destacaremos a seguir – financiada, articulada e publicada pelo Escritório do Coordenador de Assuntos Internacionais no Brasil – podemos concluir que as ilustrações tenham sido subvencionadas pelos norte-americanos. É evocada uma mútua relação colaboracionista entre o Brasil e os EUA, mostrando nosso país como uma sentinela pronta para empreender um esforço de guerra à favor dos aliados.

São destacadas, também, as ações realizadas pelos aliados envolvidos na guerra:

- Heróicos jovens americanos dão a vida pela liberdade em todos os cantos do mundo;
- Soldados mexicanos protegem as costas americanas contra desembarque japonês;
- As repúblicas Latino-americanas iniciam campanha para eliminar espões;
- A Marinha brasileira começa uma campanha para vingar o afundamento de navios mercantes latino-americanos, pelos nazistas.

Tais afirmações criavam uma atmosfera de união e combate ao inimigo comum a todos: os nazistas e sua política de guerra. Estas publicações circulavam, principalmente, entre os militares, que eram justamente aqueles que combatiam o elemento estrangeiro e também tinham responsabilidade pela sustentação política no Estado Novo.

Outros aspectos, que, esta publicação trabalha muito bem são as cenas de uma igreja vigiada pelo *gigante* soldado alemão e as cenas de um padre sendo torturado até a morte, conforme podemos perceber nas páginas seguintes.

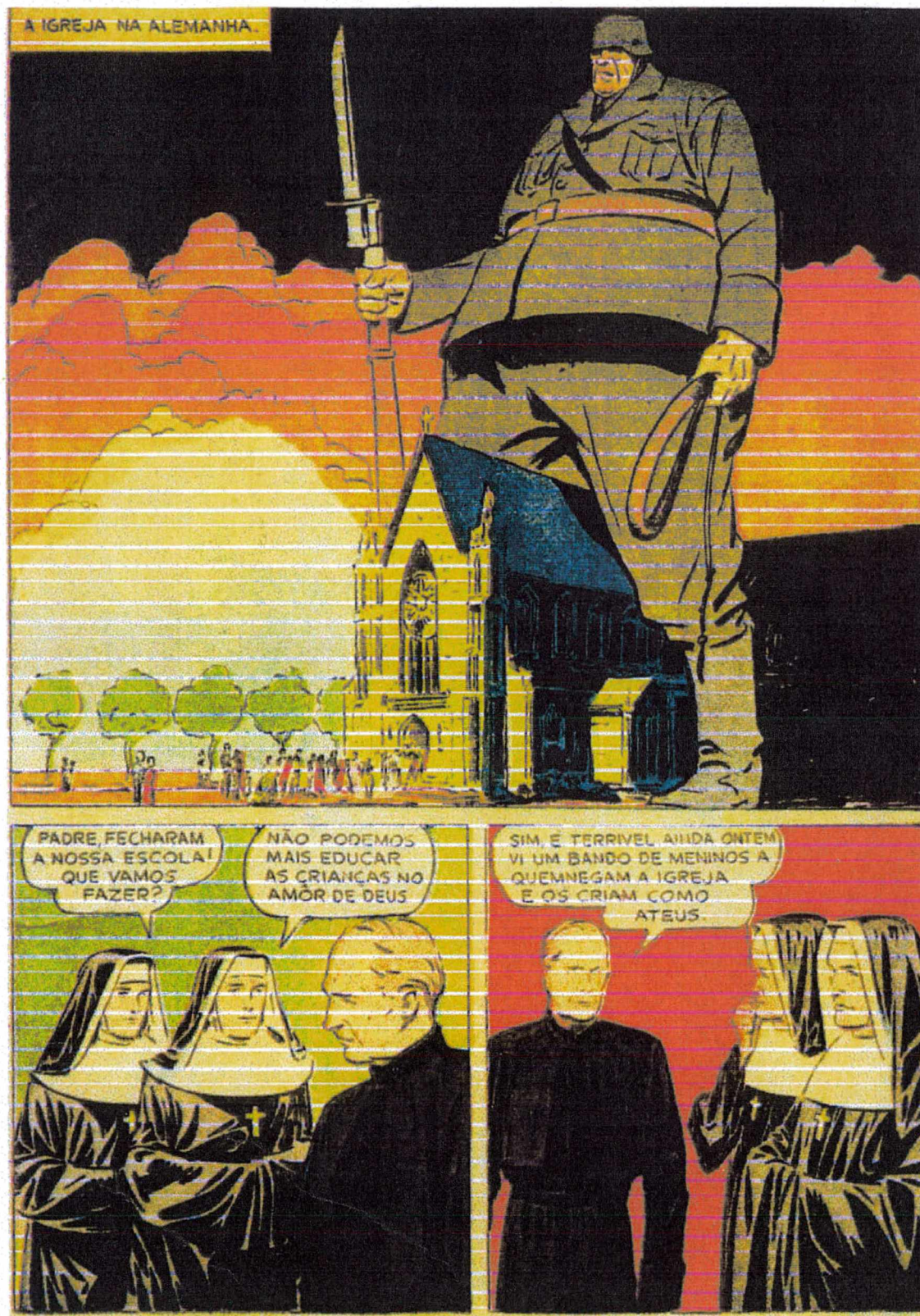


Figura 6 – História em Quadrinhos sobre a Situação Religiosa na Alemanha Nazista.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC



Figura 7 – História em Quadrinhos sobre a Alemanha Nazista

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC

Naturalmente que no Brasil, tais cenas ocasionaram um repúdio intenso, visto a predominância do catolicismo em nosso território.

Uma questão bem familiar também é exemplificada nas páginas do *gibi*, em que se mostra um membro da Juventude Hitlerista chegando em casa e cumprimentando sua mãe com um *Heil Hitler*. A mãe, por sua vez, o repreende e diz que deveria cumprimentá-la dizendo: *Boa tarde mamãe*. O rapaz retruca: *Que atrevimento! Vou te denunciar como traidora a Gestapo*.

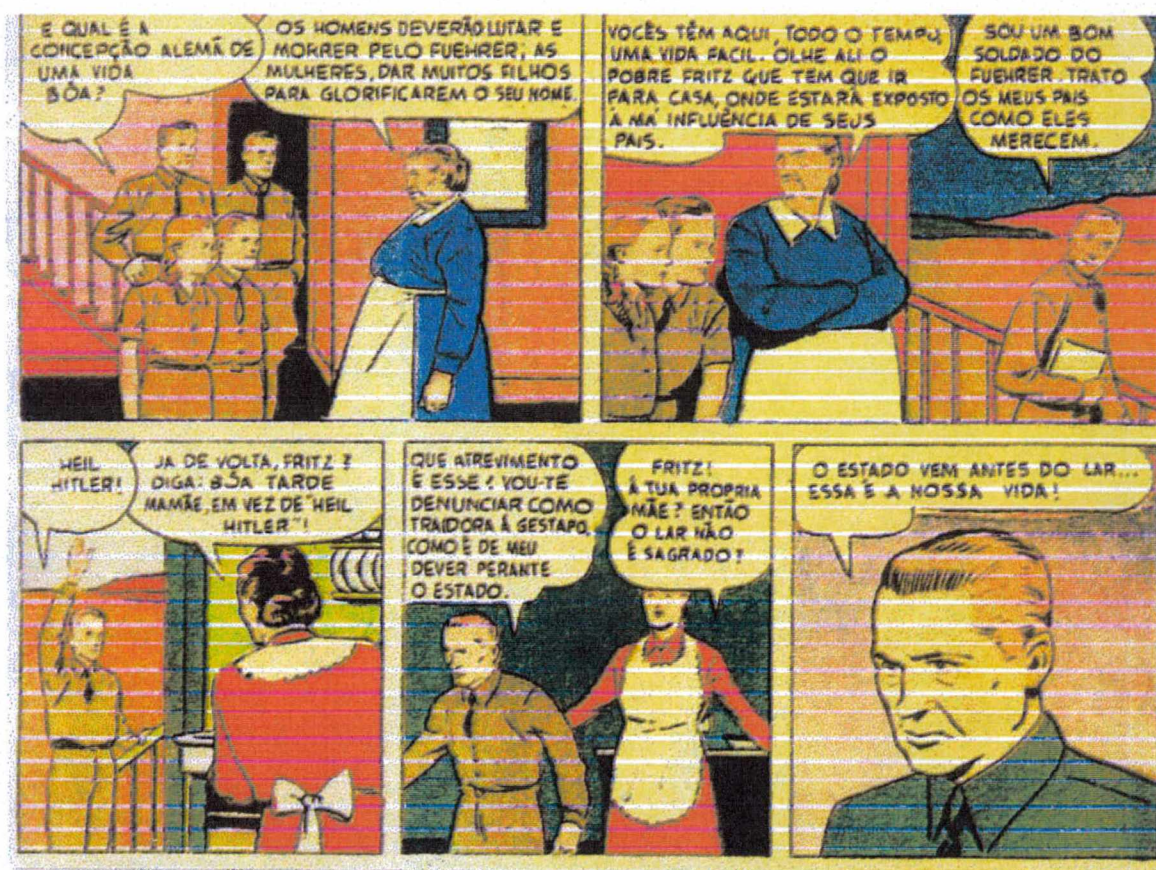


Figura 8 – História em Quadrinho (Relacionamento Familiar na Alemanha Nazista).

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC

Estava, assim, alicerçada a imagem dos alemães como traidores, dominadores, anti-católicos e cruéis assassinos.

Paralelamente às publicações que tratavam de divulgar o perigo alemão, eram editados no Brasil, pequenos livretos que destacavam as ações norte-americanas e britânicas na guerra.

Um exemplo é um livreto de vinte e seis páginas editado em 1943: *Vamos ferir e ferir a fundo*. Esta publicação inicia fazendo uma advertência ao eixo e enaltecendo o Brasil:

Saibam as potências do eixo que deviam ganhar a guerra em 1942 ou, em caso contrário, perder tudo, disse o presidente Roosevelt... Desnecessário é dizer-vos que os nossos inimigos não ganharam a guerra em 1942. Este revés para a tirania do eixo foi conseguido graças aos sacrifícios e ao esforço total de milhões de homens e mulheres de muitos países. Bem alto na lista de tais países está o Brasil. [...] A íntima cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos foi entusiasticamente reconhecida pelos presidentes dos dois países na troca de mensagens que teve lugar alguns dias antes do presidente Roosevelt enviar a sua mensagem anual ao Congresso dos Estados Unidos.⁷²

Em agosto de 1942, o Brasil declarava guerra contra o eixo; naturalmente que, após a saída de Getúlio Vargas da posição de neutralidade em que o regime se encontrava, a cooperação e a *amizade* entre o Brasil e os Estados Unidos intensificou uma troca de gentilezas e ajuda mútua no esforço de guerra; enviar tropas brasileiras para a Europa seria uma questão de tempo, como de fato ocorreu em 1944. Este livreto também apresenta uma carta que Getúlio Vargas remeteu ao presidente norte-americano, na qual destaca o caráter heróico do governo norte-americano e a amizade que une o Brasil e os Estados Unidos, mostrando que ambas as nações estavam coesas na defesa de seus interesses.

No restante, destaca a mensagem que Roosevelt proferiu no Congresso norte-americano, em 07 de janeiro de 1943. Era mais uma publicação a dimensionar as ações contra o inimigo.

⁷² ROOSEVELT, Franklin D. *Vamos Ferir e Ferir a Fundo*. Rio de Janeiro: Escritório do Coordenador de assuntos Interamericanos, 1943. p. 12.

Tendo também um caráter divulgador das ações alemãs é editado no Brasil, uma revista de trinta e duas páginas com o sugestivo título: *Operário Inglês e Operário Alemão*.⁷³

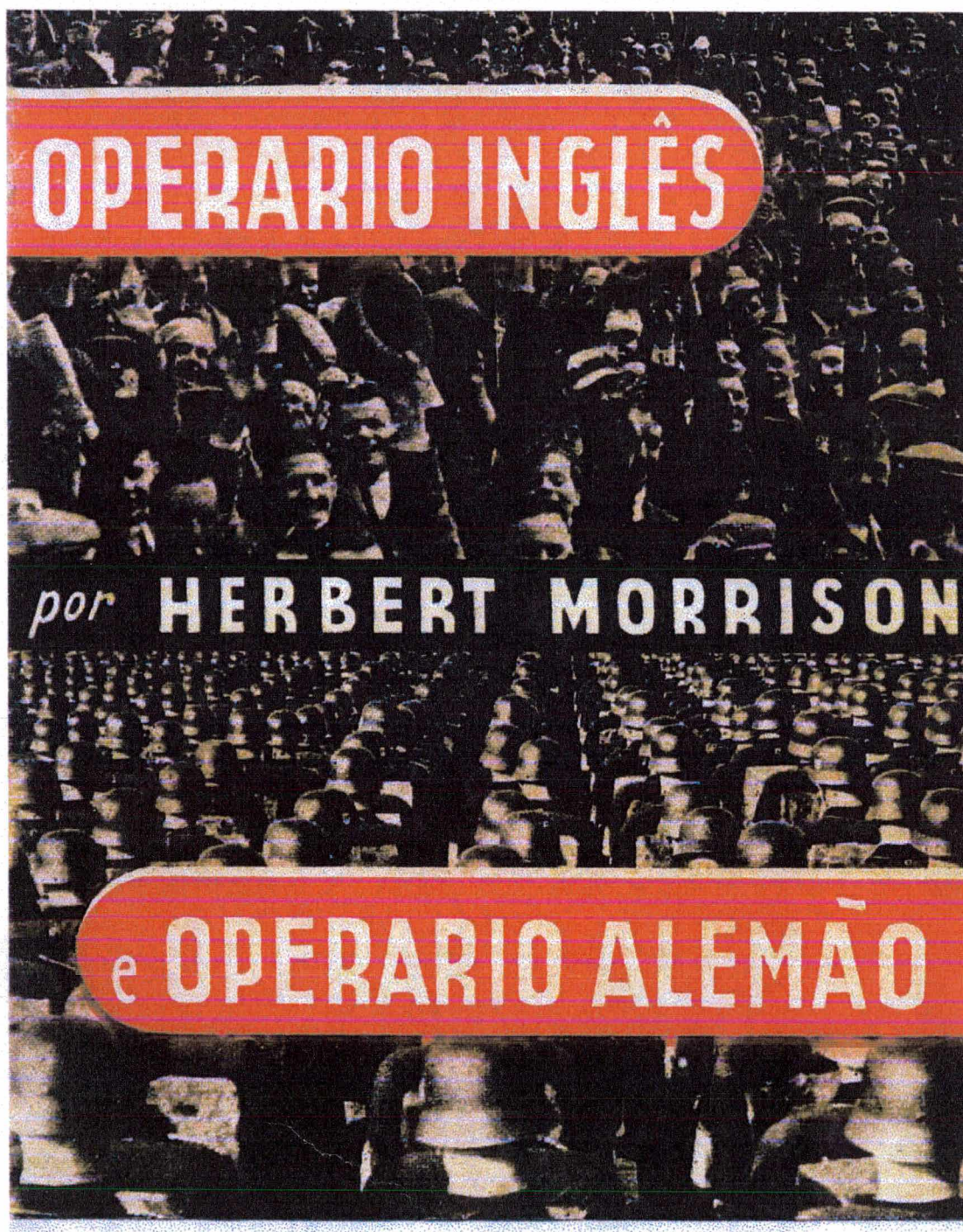


Figura 9 – Capa da Revista Comparando o Operário Inglês com o Operário Alemão.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau – SC

⁷³ MORRISON, Herbert. *Operário Inglês e Operário Alemão*. (s.e., s.d.)

Esta revista faz uma comparação entre o trabalho de um operário na Alemanha e um na Inglaterra: Neste se exalta às liberdades trabalhistas que são exercidas na Inglaterra em contraposição à política trabalhista opressiva na Alemanha nazista. A narrativa é centrada no casal João e Maria Ferreira, comparando a existência de ambos nos dois países.

O João e a Maria Ferreira ingleses são por direito, herdeiros de certas prerrogativas e liberdades individuais. Gozam muitas vantagens decorrentes de longo período de progresso social. Mas qualquer queixa que tenham, podem manifesta-la livremente, sem receio, e com a certeza que de uma forma ou de outra, suas reclamações serão consideradas.⁷⁴

Tal publicação atesta uma contradição com a política estadonovista, visto que a liberdade, neste período tinha um limite bem demarcado. O D.I.P. fiscalizava as publicações e não permitiria a divulgação de notícias e de fatos que contestassem a ditadura de Vargas, muito menos manifestações contrárias ao regime, que eram reprimidas inclusive com prisão. A revista segue elogiando os industriais da Inglaterra, que não pagam salários baixos e protegem seus empregados. A narrativa vai tomando uma dimensão, a qual destaca a importância da liberdade e das vantagens sociais que estão protegendo a classe trabalhadora inglesa. Após mostrar a dignidade e a justiça social que usufruem os operários da Inglaterra, começa a narrativa do casal João e Maria Ferreira que vivem na Alemanha. “Os alemães perderam a liberdade.”⁷⁵ Novamente uma ênfase às questões acerca da liberdade, o que tem sido uma tônica na construção do modelo ditatorial vivido na Alemanha. A narrativa segue destacando a ingenuidade do povo alemão, que acreditou na propaganda nazista e paga um preço muito elevado pelo apoio inicial que deu a Hitler nas eleições. O autor atesta, que os dirigentes nazistas consideram o próprio povo alemão como servo, considerando assim, os

⁷⁴ Idem. p. 07.

⁷⁵ Idem. p. 11

povos de outros países como verdadeiros escravos de um novo e todo poderoso Império germânico, enfatizando que “os nazistas são patifes e, na minha opinião, sempre serão patifes até que sejam liquidados.”⁷⁶ Por fim, a revista destaca o caráter de vigilância que todos devem manter e alerta que “Hitler e seu bando são uma calamidade pública não somente para a Alemanha, mas para a Europa e o mundo. Tem que desaparecer. São uma praga que já dura muito e tem de acabar.”⁷⁷ Na contracapa aparece a foto de Heinrich Himmler, (ver anexo 01) o chefe da temida Gestapo (Geheime Staatspolizei – Polícia Secreta do Estado), com um alerta: *Cuidado dona Maria Ferreira!* Uma publicação que servia portanto para engrossar a lista das matérias que atestavam o perigo alemão para o Brasil.

2.3 Os Jornais e o Perigo Alemão

Os jornais alcançavam um público muito maior, se comparado às revistas e aos livros editados no período.

Com uma variedade muito grande de informações, os jornais foram importantes na divulgação e na vulgarização da idéia da ameaça alemã e suas ações na Europa. As notícias da guerra vinham carregadas de evidências que enfatizavam os métodos nazistas de repressão e controle dos povos dominados; destacando-se as crueldades que eram realizadas nas diversas áreas de atuação das tropas alemãs.

Márcia d’Acampora⁷⁸ destaca o papel que a imprensa escrita de Florianópolis teve na construção de uma imagem da segunda Guerra e do grande inimigo: a Alemanha. Num primeiro momento, as notícias demonstravam uma certa neutralidade, porém, já em 1943,

⁷⁶ Idem. p. 17.

⁷⁷ Idem. p. 30.

⁷⁸ D’ACAMPORA, Márcia. *A Construção da Imagem do Inimigo: O Papel dos Jornais durante a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis (1939-1945)*. Florianópolis: 1992. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina.

[...] os jornais começaram a utilizar uma linguagem mais forte e específica, ao descrever o inimigo, em suas manchetes. Eram como se, então, viessem à tona as atrocidades cometidas em nome da Guerra. Depois dessa data as manchetes foram direcionadas, em sua maioria, aos crimes perpetrados contra o povo judeu e polonês, à opressão dos povos dominados pelos alemães, enfim, não eram apenas informações sobre a dominação de territórios, mas também sobre o extermínio da população.⁷⁹

A autora analisa os títulos das diversas reportagens que versavam sobre a guerra, tais títulos tinham uma conotação apelativa e dramática. São citadas as manchetes que o jornal O Estado utilizou no ano de 1943:

Morreram de fome os prisioneiros russos (04/09); Diversão dos bárbaros (11/01); Homens sepultados vivos (16/01); Mulheres espancadas com açóites de aço (25/01); Terrorismo e matança na Iugoslávia (06/02); Cremados vivos (12/03); O vampiro alemão chupa o sangue das crianças polonesas (05/03); Hitler faz sabão com gorduras de poloneses (16/03); Requentada perversidade (14/09).⁸⁰

Estas notícias serviram aos interesses do DOPS, pois respaldavam suas ações preventivas, ao mesmo tempo em que reforçavam o imaginário coletivo da barbárie e ameaça alemã.

Falcão destaca, em seu livro, que o jornal O Estado,

[...] “introduzia na imprensa, uma temática que viria a ter eco em toda a imprensa estadual: a do “inimigo interno”. De acordo com este ponto de vista, e numa evidente alusão à Alemanha nazista e a Itália fascista, o jornal sustentava que as vitórias militares, para além da qualidade das tropas ou armas, vinham sendo propiciadas pela presença interna de simpatizantes dos países atacantes.”⁸¹

⁷⁹ Idem.p. 127.

⁸⁰ Idem. p. 128.

⁸¹ FALCÃO, op. cit. p. 173.

Desta maneira, justificava-se a necessidade de um “cuidado” com as populações estrangeiras e de seus descendentes. Também merece ser citado, o destaque que o jornal O Estado deu

[...] a um discurso do presidente norte-americano Roosevelt que mencionava a existência de um mapa nazista no qual os países da América Central e da América do Sul seriam, em casos de vitória alemã na guerra, transformados em cinco estados submetidos ao III Reich.⁸²

Esta questão do mapa e dos planos de denominação territorial foram muito utilizadas para fortalecer a idéia do perigo alemão.

Eunice S. Nodari destaca, em sua tese, que os jornais também tinham uma função de denunciar atos e ações dos teutos e ítálos:

Muitas eram as notícias publicadas nos jornais, em que os autores fossem eles editores, repórteres ou mesmo pessoa da comunidade, [...] que denunciavam ações e pessoas que não se enquadravam no discurso da homogeneidade brasileira, proposta pelo Governo Vargas. As políticas autoritárias acabavam gerando uma série de denúncias feitas por pessoas, que até então, haviam convivido com diferentes práticas sócio-culturais de teutos e ítálos, mas que agora estavam questionando-as e exigindo medidas de extinção dessas práticas por parte do poder público.⁸³

2.4 Brasil e Estados Unidos: União contra o perigo alemão na América

Com o desenrolar da guerra na Europa após o ataque japonês à base de Pearl Harbour, no pacífico – levando os norte-americanos a entrar diretamente no conflito, tornou-se cada vez mais estreito o relacionamento entre Brasil e Estados Unidos, celebrando acordos

⁸² Idem.

⁸³ NODARI, Eunice Sueli. *A Renegociação da Etnicidade no Oeste de Santa Catarina (1917-1954)*. Porto Alegre: 1999. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. p. 278.

que visavam os interesses de ambos no continente americano. Em março de 1942, o Secretário de Estado norte-americano, Summer Welles e o embaixador do Brasil, em Washington, Carlos Martins Pereira e Souza, assinaram um acordo de arrendamento e empréstimo.

O presidente dos Estados Unidos da América, consoante Lei de 1 de março de 1941 do Congresso dos Estados Unidos da América, e o Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, estabeleceram que a defesa da cada uma das repúblicas americanas é imprescindível à defesa de todas elas.⁸⁴

Tal acordo previa, uma transferência de armamentos e munições de guerra, para a proteção do território brasileiro, especificando, também, a cooperação entre as forças armadas de ambos os países.

Era lançado, no Brasil, no mesmo ano, o relatório “As Américas Unidas”⁸⁵, destacando a importância da cooperação e da solidariedade interamericana e fortalecendo o sentimento de união entre as repúblicas da América, especificamente, o Brasil e os Estados Unidos. Esta política de aproximação teve, como uma das resultantes, a instalação de uma Base norte-americana em Natal (RN), para proteger o litoral brasileiro.

2.5 Nereu Ramos: A lei combatendo o perigo alemão em Santa Catarina

O Interventor Federal em Santa Catarina, durante o período de 1937-1945, foi Nereu

⁸⁴ BONAVIDES, Paulo. **Textos políticos da História do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1996. v. 05 p. 336.

⁸⁵ **As Américas Unidas**. Relatório da ação cooperativa das repúblicas americanas desde setembro de 1939. Washington, D.C. – USA (s.a, s.e., s.d.)

Ramos.⁸⁶ Teve destacada atuação na efetivação da política estadonovista em terras catarinenses. Natural de Lages e opositor à oligarquia Konder foi o mais expressivo agente nacionalizador, executando as leis nacionais e criando mecanismo para efetivá-las, inclusive, na sociedade catarinense.

As disputas das eleições presidenciais de 1930 já confrontavam disputas entre os Konder e os Ramos. Num cartaz⁸⁷ de propaganda política (em alemão e português) de 1930, o diretório do Partido Republicano, na pessoa de Curt Hering, alerta aos eleitores de Blumenau, a importância de votarem em Júlio Prestes, candidato à Presidência da República, que estava concorrendo com Getúlio Vargas, da Aliança Liberal. Neste período, Victor Konder era Ministro da Viação de Washington Luís.

Derrotado nas urnas, mas vitorioso na Revolução, Getúlio Vargas assume o poder em 1930. Em Santa Catarina, tal situação foi aproveitada pela “oposição (os Ramos que eram aliancistas) local e adaptada à situação de vitória de um movimento oposicionista indiciado por volta do início da década de vinte.”⁸⁸

Com a subida dos Ramos ao poder, verifica-se “a força de políticos pecuaristas contra um Governo urbano-comercial”⁸⁹ dos Konder, representantes das esferas urbanas. Portanto, em Santa Catarina irá ocorrer uma

[...] polarização entre a zona colonial no Nordeste do estado e o planalto, cujo centro é formado pela cidade de Lages. [...] Desde o início da República o nordeste, mais

⁸⁶ Natural de Lages, SC. Nasceu em 03/09/1888 – Deputado à Câmara dos Deputados (1930-1932), dissolvida em 1930. Deputado Federal à Constituinte Nacional (1934) e a 1ª legislatura (1934-1937). Governador do Estado de Santa Catarina (1935-1937). Interventor Federal no Estado (1937-1945). Fundador do Partido Social Democrático (1945). Deputado à Assembléia Nacional Constituinte (1946). Senador por Santa Catarina (1946-1951), eleito pelo PSD. Vice-Presidente da República (1946-1950). Presidente da Câmara dos Deputados (1951-1954), Senador (1955-1958). Presidente do Senado – como tal assumiu a Presidência da República de 11/11/55 a 31/01/1956. Ministro da Justiça (1956-1957). Faleceu em desastre aéreo em Curitiba, a 16/06/1958. In: PIAZZA, Walter Fernando. (org.) **Dicionário Político Catarinense**. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994. p. 646 e 647.

⁸⁷ CORREA, Carlos Humberto. **Um Estado entre duas Repúblicas: A revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35**. Florianópolis:UFSC, 1984. p. 40 e 41.

⁸⁸ Idem. p. 17.

⁸⁹ Idem. p. 27.

moderno, ia se impondo ao planalto, tradicional. Com a revolução de 30 o planalto reconquistou circunstancialmente o poder político [...] O governo provisório após 1930 e seu sucessor legalmente eleito, pertencem interessantemente ambos a esta família (Ramos). Logo após a reconquista do poder iniciam o combate aos quistos étnicos.⁹⁰

Uma das áreas em que seu governo atuou, com muita intensidade, foi na Educação. Implantando os decretos federais da política nacionalizadora do Estado Novo, Nereu Ramos articulou a proibição do funcionamento de escolas em língua estrangeira e determinou um fervoroso culto à cultura brasileira e aos símbolos nacionais. Num relatório apresentado em outubro de 1938, Nereu Ramos evidencia a questão da nacionalização:

Este é o máximo problema da hora presente em Santa Catarina. É que aqui por motivos vários e que vem de longa data, se instalaram centenas de escolas que zombando a fiscalização, não ministravam o ensino da língua vernácula. Por espírito partidário, estreito e condenável, pretendeu-se negar o fato, que a realidade punha a mostra na exibição de brasileiros que ignoravam a língua de sua pátria, apesar de haverem freqüentado escolas dentro do território nacional.⁹¹

Portanto, existia uma preocupação muito forte com a educação, pois, na ótica do Estado Novo, com a permissão do funcionamento das escolas que professavam o idioma estrangeiro, haveria uma exposição aos ideais de outras nações, negligenciando o verdadeiro patriotismo brasileiro e a unidade nacional.

O chamado Estado Novo representou um regime político unitário e autoritário. As concepções sociais e políticas então corrente davam especial ênfase à unidade

⁹⁰ GERTZ, René. **O Fascismo no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. p. 59.

⁹¹ RAMOS, Nereu. **Relatório Apresentado ao Exmo. Presidente da República pelo Dr. Nereu Ramos – Interventor Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1938. p. 17. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

nacional; e a escola passou a ser considerada um decisivo fator na obtenção dessa decantada unidade.⁹²

A escola é, então, uma instituição onde o Estado atua ativamente com as leis nacionalizadoras. A fiscalização é intensa e as escolas particulares que também ensinavam fazendo o uso do idioma alemão, são fechadas. Muitas delas, transformam-se em escolas públicas. Ainda em 1938, alguns decretos irão justificar as ações educacionais do governo estadual, evidenciando o perigo que os estabelecimentos educacionais representavam.

Por decreto lei de 4 de março, tomaram-se medidas sobre a educação civico-cultural nas associações de caráter privado, sabido serem elas focos de irradiação desnacionalizadora [...] Considerando que esta influencia se faz sentir sobretudo nas sociedades escolares dos meios de ascendência alienígena, muitas das quais estão servindo de veículos a ação maliciosa desse elementos.⁹³

Nota-se que a justificativa já articulava a ação de elementos perigosos, sem no entanto mencioná-los. Percebe-se, ainda um discurso contínuo sem culpar diretamente os alemães, porém tais decretos, já apontavam para os teutos.

Neste período, vigorou outra espécie de proibição foi o decreto que determinou o banimento e a não-utilização de nomes estrangeiros. Esta determinação atingia escolas, ruas, clubes, associações, teatros, etc.

“Decreto-lei nº 35 – Salvo homenagem de caráter estritamente científico, moral ou religioso, sem prévia licença do Governo do Estado, é proibido dar o nome de pessoas estrangeiras, ou usar denominações que não sejam em língua nacional, em

⁹² FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da Evolução do Ensino Público: ensino público e política de assimilação cultural no estado de Santa Catarina nos períodos imperial e república**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. p. 134.

⁹³ RAMOS, Nereu. **Relatório apresentado ao Exmo. Presidente da República pelo Dr. Nereu Ramos – Interventor Federal de Santa Catarina**. Florianópolis: IOESC, 1939. Exercício de 1938. p. 127 – Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis.

sedes, ou núcleos de população, que se criarem por iniciativa pública, quer particular.”⁹⁴

Em diversas localidades de Santa Catarina, escolas, ruas, praças, bairros e sociedades recreativas, que tinham denominações em alemão, foram intimadas a trocar de nome.

Podemos citar como exemplo, “a Sociedade Músico Teatral Frohsinn, em Blumenau, que tornou-se o Teatro Carlos Gomes”⁹⁵. As ruas receberam também denominações brasileiras: “já em Blumenau numa ação preventiva, o prefeito Afonso Rabe mudou o nome de várias ruas e logradouros (Augusto Mueller virou Marcílio Dias, Hermann Hering Sênior transformou-se em Floriano Peixoto).”⁹⁶

Como reflexo atual, nota-se o grande número de ruas e praças com denominação de *heróis* que a república faz questão de guardar: Duque de Caxias, Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e o próprio chefe da nação, Getúlio Vargas, que inaugurou pessoalmente diversos colégios e associações com o seu nome.

Em Florianópolis, no dia 12 de março de 1940, juntamente com Nereu Ramos, o presidente Vargas inaugurou o *Grupo Escolar Getúlio Vargas* (conforme material fotográfico em depósito, atualmente, na própria instituição educacional), no Bairro Saco dos Limões, que permanece em funcionamento até hoje. A cerimônia teve seu ponto alto com o plantio de uma muda de pau-brasil pelo presidente com o auxílio do interventor Nereu Ramos.

Paralelo às questões envolvendo o idioma e a escola, o governo de Nereu Ramos vai desencadear uma série de ações contra o elemento estrangeiro que, após a declaração de guerra que o Brasil fez ao eixo, deixa de figurar apenas como alienígena ou desnacionalizador, já utilizando, portanto, as expressões nazista e germânico, na classificação

⁹⁴ RAMOS, op. cit. p. 126.

⁹⁵ FALCAO, op. cit. p.170.

⁹⁶ Idem. p. 176.

destes elementos *nocivos aos interesses nacionais*, conforme palavras utilizadas pelas autoridades repressivas.

Seção Ordem Pública: Exercendo constante vigilância sobretudo nos centros de **ascendência germânica** [sem grifo no original], a DOPS (Delegacia da Ordem Política e Social), soube prevenir explosões nocivas ao trabalho pacífico que vai solidificando a economia catarinense.⁹⁷

A Delegacia da Ordem Política e Social, por intermédio do seu delegado, Capitão Antônio de Lara Ribas, vai promover uma devassa nas associações e entidades alemãs, confiscando materiais de propaganda nacional-socialista, e todas as publicações que estivessem em língua alemã. Neste momento, igrejas e residências são invadidas com a anuência do governo, sendo que os delegados regionais e autoridades civis, principalmente militares, realizam ações que visam *resguardar a soberania* e os interesses brasileiros.

Em seus relatórios anuais, Nereu Ramos mostra que está fazendo, com zelo nacional, a *lição de casa* e explica que o Estado catarinense mantém a ordem pública inalterada e defende, com precisão, a soberania nacional contra os elementos nazistas.

A ordem pública a despeito do estado de guerra, a que a nação foi arrastada em defesa de sua honra, do seu patrimônio e da sua soberania, manteve-se absolutamente inalterável em todo o território catarinense. A Secretaria da Segurança, continuou a desenvolver severa vigilância sobre os elementos que, por exaltação nazista ou por seus antecedentes anti-nacionais, não correspondiam à hospitalidade brasileira.⁹⁸

Portanto, segundo Nereu Ramos, os elementos perigosos estão sob controle e não ameaçam o território catarinense. O leitor poderá se perguntar por que o Interventor não

⁹⁷ RAMOS, Nereu. **Relatório apresentando ao Exmo. Presidente da República pelo Dr. Nereu Ramos** – Interventor Federal de Santa Catarina, Florianópolis: IOESC, 1943. Exercício de 1942. p.173. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis.

⁹⁸ Idem. p. 123.

relata, também, as truculentas ações de abuso de poder e a generalização que foi realizada contra todos os suspeitos, ações estas realizadas num clima muito hostil, sobretudo contra os alemães e seus descendentes.

No interior do Estado, a prepotência policial e militar era exercida sem maiores limites: animais de tração, carroças e caminhões eram requisitados para o uso das autoridades sem qualquer tipo de indenização; vendas e outros pontos de encontro tornaram-se estreitamente vigiados para impedir o uso das línguas alemã e italiana, sendo que um deslize neste sentido poderia acarretar as mais variadas punições (como passar um tempo na prisão ou ingerir óleo de rícino ou óleo diesel diante de soldados armados).⁹⁹

Uma das cidades que, por diversas vezes foi alvo das visitas do interventor, foi Blumenau. Nesta cidade até mesmo um batalhão do Exército foi instalado para salvaguardar os interesses nacionais. Em 1939, num banquete em Blumenau, Nereu Ramos discursou:

Em livro encontradiço nas escolas estrangeiras que por desfigurarem a alma da nacionalidade, foram ultimamente fechadas, depara-se a afirmativa de ser Blumenau cidadezinha puramente alemã. É cidade brasileira, pelo trabalho de seus homens e pelo coração entusiasmado de seus filhos. Os que aqui nasceram, não nasceram para servir a outras pátrias, nem para cultivar outras tradições, nem para alimentar outros brasileiros que os desportos pela bandeira incomparável do Brasil.¹⁰⁰

Perturbava, sobremaneira, para as autoridades estaduais, o fato de diversas cidades do Vale do Itajaí e do norte do Estado serem identificadas como cidades alemãs. Isto que poderia ser usado em favor da diversidade cultural; era tido como algo maléfico, tornando-se necessária sua eliminação. Muitos dos defensores do nacionalismo xenófobo, se ainda

⁹⁹ FALCÃO, op cit. p. 177 e 178.

¹⁰⁰ RAMOS, Nereu. *A Obra Nacionalizadora do Estado Novo*. Discurso pronunciado em Blumenau. Florianópolis: IOESC, 1939, p.08. (Arquivo do Autor).

estivessem vivos, ficariam, certamente, estarrecidos com o esforço dos órgãos de turismo em evocar o caráter germânico destas cidades, como fator de atração para turistas.

Certa vez, discursando em Itajaí, Nereu Ramos deixou explícito seus preconceitos contra os alemães. Falando sobre a importância política de Lauro Muller, Ramos afirma:

De descendência germânica, mas de agilidade mental e de sensibilidades latinas, foi exemplo de todos, principalmente os seus irmãos de sangue, não devemos olvidar, sobretudo nesta hora de nacionalismo ardente que o Estado Novo despertou, como imperativo de unidade brasileira.¹⁰¹

Fica nítida a idéia que Nereu tinha dos alemães; misturavam-se preconceitos e ódios políticos. Segundo Nereu, os alemães eram mentalmente inferiores e o que combatia, certamente, era a tradição cultural alemã e a sua ampla aceitação entre os teutos.

Citando Martorano, Reitz evidencia as ações de Nereu: “Fora duro com seus adversários. Usava de todo o seu poderio contra os inimigos políticos. Tipo de liderança que acionava ódios e ressentimentos.”¹⁰² Portanto, as ações nacionalizadoras de Nereu Ramos, também estavam ligadas às regiões onde a sua facção não era bem votada.

Não eram novidades as questões políticas justificando ações nacionalizadoras. As rivalidades já vinham acentuando-se na década de vinte e, principalmente, após a revolução de 1930.

A partir da Primeira Guerra Mundial, os Konder se impõe aos ramos como grupo dominante na política catarinense. Mas em 1930, os Konder apostam na continuidade do governo federal com o Júlio Prestes, enquanto os Ramos, sem outra alternativa, investem na oposição, com Getúlio Vargas. A vitória de Getúlio Vargas através da revolução, inverte o poder estadual e os Ramos naturalmente tomam todas as medidas possíveis para inviabilizar o retorno dos Konder e isso se manifesta,

¹⁰¹ RAMOS, Nereu. *Síntese de um triênio de governo*. Discurso pronunciado em Itajaí em 12 de junho de 1938. Florianópolis: IOESC, 1938. p. 12 (Arquivo do Autor).

¹⁰² REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetra racial*. Florianópolis: Lunardelli/UFSC, 1988. p. 246.

entre outros, na forma de uma vigorosa nacionalização nas regiões de sustentação do poderio dos Konder.¹⁰³

Após a ditadura de Vargas, percebia-se que os ressentimentos continuavam fortes, pois

[...] nos pleitos eleitorais, após o advento da democracia, os colonos deram o troco ao mandante, Nereu Ramos. Era comum escutar à boca pequena, em sotaque alemão: A Nereu mede a baú (o Nereu assenta o pau), ou abaixo o “Deutscher Fresser” (papão de alemão).¹⁰⁴

Outros autores citam Nereu Ramos, de forma geral, a exemplo de Piazza: “Ponto controverso de sua administração é o processo de nacionalização do ensino, não quanto à finalidade, politicamente certa e nacionalisticamente necessária, mas quanto à pedagogia e a peculiaridade da ação governamental.”¹⁰⁵ O autor não justifica quais critérios utilizou para classificar as ações de Nereu, como *politicamente certa e nacionalisticamente necessária*, porém as *peculiaridades* da ação governamental do interventor, nos remetem aos atos policiais que espalharam o medo em diversas regiões, investigando e combatendo o suposto perigo alemão.

Outra publicação que evidencia Nereu Ramos, colocando-o inclusive numa posição de herói, é o livro de Theobaldo Costa Jamundá, *Nereu Ramos, o da hora da reconstrução nacional*. O título já é uma prévia do conteúdo. O perigo alemão foi largamente utilizado pelo autor para justificar – segundo suas palavras – as sábias ações nacionalizadoras articuladas pelo interventor federal.

Visceralmente nacionalista, estava a par do momento político internacional onde o III Reich, agressivamente atuava. [...] as queixas contra Nereu Ramos nacionalizador

¹⁰³ GERTZ, René. In: MÜLLER, Telmo Lauro. (org.) *Nacionalização e Imigração Alemã*. São Leopoldo: UNISINOS, 1994, p. 25.

¹⁰⁴ REITZ, op. cit. p. 247.

¹⁰⁵ PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: sua história*. UFSC/Lunardelli, 1983. p. 641.

podem ser entendidas como naturais, porém os donos dessas queixas deveriam ser, unicamente, os que foram formados pela mentalidade preparada na escola estrangeira pelo Pan-Germanismo e pelo Nazismo.¹⁰⁶

Podemos perceber uma grande generalização frente a um assunto muito complexo. Sendo assim, as publicações em torno de Nereu Ramos ou terão um caráter de críticas às suas ações ou louvam-no como um grande político que defendia os interesses do Brasil e, conseqüentemente, do seu Estado.

Parece-nos, que muitas das ações realizadas em nome da soberania e da defesa dos interesses nacionais, poderiam ter tido um encaminhamento mais racional, sem um caráter repressor e que impôs valores patrióticos a muitos que apenas desejavam conservar a cultura de seus antepassados.

Um ponto em comum nas discussões acerca de Nereu Ramos é que, a partir dos anos 40, o interventor Nereu Ramos, [...] parece ter voltado todas as suas atenções e canalizado suas **forças políticas** [sem grifo no original] para combater o *germanismo*.¹⁰⁷

Com base nas informações analisadas, pode-se perceber que os alemães e seus descendentes eram duplamente alvo de contestação na ótica do Estado Novo. Representavam uma ameaça ao projeto político nacional do governo Vargas que combatia à diversidade cultural e pregava a criação de uma cultura estritamente brasileira e bem alicerçada. Também se considerava que os alemães representavam uma ameaça internacional, tendo em vista a política expansionista do III Reich. Acreditar na construção de um Estado Alemão em terras brasileiras, passou a fazer parte do pensamento de muitas pessoas, idéias estas reforçadas pelos órgãos oficiais.

¹⁰⁶ JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Nereu Ramos, o da hora da reconstrução nacional*. Florianópolis: do autor, 1983. p. 641.

¹⁰⁷ CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e Normatização de Condutas em Santa Catarina (1930-1945)*. São Paulo: 1992. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. p. 68.

Portanto, a partir de declaração de guerra à Alemanha (1942), as ações governamentais serão direcionadas para um mesmo alvo: *O perigo alemão*. Serão estas ações que iremos analisar no próximo capítulo.

3 ATOS E AÇÕES

3.1 A Prisão dos Inimigos

Após a declaração de guerra ao Eixo, as ações contra os estrangeiros atingiram uma maior dimensão, ou seja, iniciaram-se perseguições sistemáticas que levariam à cadeia todos aqueles suspeitos de serem agentes do nacional-socialismo e aqueles que atentavam contra a soberania do Brasil. Os alemães e seus descendentes passaram a ser acusados de praticarem atividades contrárias aos interesses brasileiros. Como já percebemos no capítulo anterior, as generalizações faziam parte da política estadonovista e das repressões que recaíam sobre os teutos.

Muitos alemães foram presos sob a alegação de espionagem e de professarem a doutrina do nacional-socialismo (ver Anexo 2). As justificativas para estes atos já estavam bem alicerçadas no imaginário coletivo do perigo alemão.

O seu crime seria, inicialmente, ser estrangeiro, em seguida, ser nazista. Assim a polícia trabalhava a partir de dois eixos lógicos: a suspeita e as generalizações. [...] Primeiro se prendia o suspeito para depois procurarem as provas do “crime”. E, independente da constatação do crime, arbitrava-se a necessidade de manter o detento recluso.¹⁰⁸

No Brasil, os presídios que alojaram os alemães e seus descendentes receberam o nome de Campos de Concentração. Eram, na realidade, os cárceres que recebiam os *súditos do eixo* que tiveram a legitimidade de sua prisão decretada por ocasião do estado de guerra entre o Brasil e o Eixo.

¹⁰⁸ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 197.

Conforme Perazzo, existiam campos funcionando nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Pará, entre 1942 e 1945 (ver Anexo 3).

No cotidiano do campo, a prática de trabalhos forçados também fez parte da rotina dos internados.

A partir dos relatórios da Cruz Vermelha, constatou-se que as condições de vida dos prisioneiros ali confinados estavam relacionadas à prática de trabalhos forçados. Esses eram voltados para a agricultura, além da limpeza e arrumação das próprias celas, procurando atribuir ao prisioneiro uma atividade que lhe fosse mais familiar. De forma geral, os presos pareciam satisfeitos com a alimentação que recebiam e as condições das instalações dos prédios que, ao contrário dos demais presídios brasileiros, eram novas e higiênicas. As celas eram grandes e arejadas, podiam acomodar de 3 a 4 pessoas.¹⁰⁹

No dia 17 de maio de 1998, o jornal Diário Catarinense veio às bancas com a seguinte matéria de capa: *Brasil teve campo de concentração para alemães*, em destaque aparecia a frase: A História Negligenciada. De fato, a história dos *campos de concentração no Brasil*, não consta nos currículos de história que são articulados nos programas do ensino médio e também no terceiro grau. Privilegia-se apenas a história dos vencedores. Sobre estes (os campos de concentração), os historiadores até hoje silenciaram.

Em Santa Catarina, o campo de concentração localizava-se em Florianópolis e era conhecido como Presídio Político de Trindade, numa referência ao bairro da Trindade. Localizava-se onde hoje está a prefeitura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Os detentos eram acusados de terem participação em atividades que atentavam contra à segurança nacional e a integridade territorial brasileira. Conforme o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), todos os reclusos estavam envolvidos em atividades de maior ou

¹⁰⁹ Idem, p. 217

menor gravidade, sempre vinculados à propaganda nacional-socialista e às pretensões alemãs com relação à América do Sul.

O Jornal Diário Catarinense destaca que “o austríaco Herbert Gustav Erich Molenda, casado, um filho e morador em Florianópolis, ficou preso por seis meses no presídio de Trindade. O Crime: Cantar *Stille Nacht*, música natalina Noite Feliz no idioma alemão, em dezembro de 1942.”¹¹⁰

Conforme o jornal, a reportagem segue mostrando que em outubro de 1943, os detentos escreveram uma carta para o presidente Getúlio Vargas pedindo providências para a situação em que se encontravam. A correspondência revela uma diversidade nas profissões exercidas pelos *presidiários*: Havia pastor evangélico, militar reformado, comerciário, construtor, médico, engenheiro, comerciante, guarda-livros, contador, mecânico, almoxarife, dentista, eletricitista, motorista, bancário, farmacêutico, açougueiro e pintor. Numa síntese que a Secretaria da Segurança Pública elaborou para o governo federal, o interventor Nereu Ramos diz que as medidas preventivas tomadas pela polícia catarinense foram importantes para o momento e mantiveram o Estado em paz, a despeito do temor que os teutos despertavam em todo o país.

Um dos casos em que se percebem toda a forma de arbitrariedades e humilhações foi mostrado pelo jornal e refere-se ao Engenheiro alemão Hans Walter Taggesell, radicado em Lages e que, em 28 de agosto de 1942, foi trancafiado no Presídio Político de Trindade. No presídio foi obrigado a trabalhar na lavoura. Enquanto isso, em Lages, bens da família eram seqüestrados pela polícia.

Os Taggesell perderam uma biblioteca, uma coleção de selos, discos, um rádio e o automóvel Opel Capitã conversível, do qual mais tarde foi devolvido somente a carcaça. Foi um inferno, recorda Walter Taggesell, 61 anos, hoje engenheiro e

¹¹⁰ BASTOS, Ângela. Campo de concentração na Ilha. Florianópolis. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 17 maio, p. 23, 1998..

economista em Lages. A gente não entendia a perseguição. Eu ficava vendo o delegado Edson Valente desfilando com o carro do papai sem compreender o que aquilo significava, lembra o engenheiro.¹¹¹

Percebe-se quanto eram rigorosas as diversas ações que a polícia empreendia contra os suspeitos. A perversidade da lei fica evidente.

As prisões aconteciam sem muitas explicações, sendo que os responsáveis pela detenção cometiam uma série de arbitrariedades e desmandos. Segundo a lógica do DOPS, motivos para as prisões não faltavam. Além de utilizarem um idioma que havia sido proibido, os imigrantes alemães e seus descendentes eram considerados propagandistas da cultura e dos valores alemães. Eram, portanto, uma ameaça, e só isto já era motivo suficiente para trancafiá-los. Em ofício datado de 3 de dezembro de 1943, Antonio Lara Ribas, Delegado de Ordem Política e Social, remetia para Antônio Carlos Mourão Ratton, Secretário de Segurança Pública de Santa Catarina, uma relação dos nomes e atividades dos alemães que, segundo suas conclusões, estavam ligados ao Partido Nazista. O motivo das prisões, alegado no ofício, foi em nome da segurança nacional.

3.2 Proibição do Idioma e algumas Peculiaridades da Repressão

As buscas e as apreensões de materiais e objetos com dizeres em alemão tornaram-se comuns nas diversas regiões com a predominância de alemães ou seus descendentes ou em regiões onde a etnia alemã estivesse presente. As escolas em que se ensinava alemão foram fechadas ou os professores substituídos por luso-brasileiros, sendo que os livros em idioma germânico acabaram confiscados.

¹¹¹ op.cit. p. 24.

Essa política de nacionalização do ensino a curto prazo, que no início orientou a campanha das escolas, falhou principalmente por causa da severidade das punições aplicadas. Em muitos casos, professores e diretores de estabelecimentos de ensino particulares, que não se enquadraram imediatamente às exigências da lei, foram presos e suas escolas fechadas. [...] O principal objetivo da campanha era eliminar o uso da língua alemã e substituí-lo pelo português. Através das crianças pretendiam atingir os pais com essas medidas.¹¹²

As escolas que não foram fechadas, foram transformadas em local de intensa doutrinação nacional.

Deviam possuir livros sobre os grandes heróis nacionais, mostrar os símbolos da pátria e ensinar a cultuá-los.

“Nas fábricas, como nas escolas, a campanha providenciou a distribuição de bandeiras do Brasil (a atual e as históricas), folhetos contendo hinos patrióticos e informações sobre o serviço militar.”¹¹³

Justificava a necessidade de um abasileiramento radical nas comunidades alemãs, pois caso contrário, a pátria corria sérios riscos. Em todos os atos e ações de um teuto brasileiro podia-se enxergar uma atitude de ameaça e ocultação de alguma atividade ilegal.

Segundo Rui Alencar Nogueira, oficial do 32º Batalhão de Caçadores, sediado em Blumenau e encarregado de levar a efeito a campanha da nacionalização do Vale do Itajai, descrevendo aspectos do cotidiano Blumenauense, destaca:

Os “bars” e sorveterias tem uma disposição interessante: as mesas ficam separadas por biombos de pano ou de madeira, formando verdadeiros cubículos onde é possível ficar fora dos olhares dos curiosos. [...] Indispensável é tanto na casa do rico como na do mais humilde operário, a **cortina**. Todas as janelas ficam enfeitadas de cortinas, cujo tecido é feito das diversas fábricas do município. Em virtude de existirem apenas vidraças, são colocadas duas ordens de cortinas: uma transparente e

¹¹² SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 182.

¹¹³ Idem p. 187.

adornativa e outra de tecido mais grosso e de cor azul, para vedar a visibilidade ao interior.¹¹⁴

Ora, entende-se que Nogueira esteja supondo que os blumenauenses usam cortinas para que suas atividades ilegais não sejam percebidas por olhares delatores. Nota-se, então, que qualquer ato ou ação dos teutos estava inserido num contexto de perigo e necessidade de vigilância.

Em Antônio Carlos¹¹⁵, as sanções nacionalizadoras foram também aplicadas com todo o rigor da lei.

Buscas, apreensões policiais, revistas em casas foram realizadas em todo o distrito de Antonio Carlos, [...] quando foram apreendidas bíblias, devocionários, livros, bordados com provérbios de parede e quadros emoldurados com artísticos dizeres religiosos ou cívicos em idioma alemão. A devassa foi total nas igrejas, cemitérios e residências. A perseguição à cultura alemã foi violenta. Na igreja os sermões em alemão foram proibidos. O excesso se estendeu aos cemitérios. As inscrições em alemão na lapides tumulares (epitáfios) foram quebradas ou apagadas à talhadeira, especialmente no cemitério de Antônio Carlos. Em Santa Maria (um bairro de Antônio Carlos) lindas cruces de ferro com dizeres em alemão foram arrancadas no cemitério e jogadas no mato, até hoje perdidas.¹¹⁶

Deste depoimento pode-se depreender o clima de medo em que viviam os moradores da interiorana e pequena localidade de Antonio Carlos no período. Nem os cemitérios escaparam da síndrome nacionalista. Será que o cemitério com suas lápides, em idioma alemão, representava um perigo à unidade nacional? O que estariam pensando os arrancadores de cruces? Seriam nazistas perigosos ao que lá estavam sepultados? Tal atitude faz parte do

¹¹⁴ NOGUEIRA, Rui Alencar. *Nacionalização do Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1947. p. 40 e 41.

¹¹⁵ Atualmente Antônio Carlos é um município pertencente à região da Grande Florianópolis. No período do Estado Novo (1937-1945), Antonio Carlos era distrito de Biguaçu, pertencendo a este município. Esta localidade foi formada com elementos alemães e seus descendentes provenientes da colônia de São Pedro de Alcântara (S.C.).

¹¹⁶ REITZ, Raulino. *Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetrarracial*. Florianópolis: Editora Lunardelli/UFSC, 1988. p. 247.

rol de excessos que os nacionalizadores, amparados por uma legislação perversa, cometeram. Outro exemplo de arbitrariedade é citado por Reitz e refere-se às palavras do jornalista Salim Miguel:

Tanto que durante a Guerra me ofereci (ou fui convocado?) para patrulhar as ruas de Biguaçu, à noite, pois murmurava-se que submarinos alemães rondavam o nosso litoral. Armados, revezando-nos, durante noites, grupos de adolescentes percorriam as ruas, fazendo parar carroças cheias de laranjas que se dirigiam a Florianópolis. Ficávamos com algumas para matar a sede. Merecíamos, pois não.¹¹⁷

A síndrome do perigo alemão estava bem viva em Biguaçu. Os submarinos nunca foram vistos, mas as laranjas que Salim e seus amigos degustaram, certamente constam na lista de arbitrariedades praticadas contra os alemães, visto que a maioria dos agricultores que comercializavam seus produtos, em Florianópolis, eram teuto-brasileiros.

Outra situação comum era a apreensão de rádios de ondas curtas. Alegava-se que seus proprietários escutavam a emissora alemã (Deutsche Welle) que propagava o regime nacional-socialista.

O NSDAP teve sempre um acurado zelo em recomendar a formação de “grupos de escuta”, chamando a atenção para as irradiações da Emissora Alemã de Ondas Curtas, cujos noticiários deveriam ser sistematicamente difundidos. Recomendações especiais foram expedidas também para que os alemães e seus descendentes só adquirissem aparelhos de radio de fabricação alemã, preferindo-os aos de qualquer outra procedência, porque diziam eles, a palavra do “fuehrer” só deveria ser escutada num radio alemão. Graças as tais recomendações, que constituem de fato uma imposição deliberada, até o momento em que o Brasil rompeu as relações diplomáticas e comerciais com os países do “eixo”, só por verdadeiro milagre, nas zonas habitadas por alemães e brasileiros de descendência germânica se conseguia ouvir irradiações de estado nacionais.¹¹⁸

¹¹⁷ REITZ, op. cit. p. 247.

¹¹⁸ RIBAS, Antônio de Lara. *A ordem política e social e a campanha contra o nazismo no Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1943. p. 24. Arquivo Histórico de Itajaí - SC

A apreensão de aparelhos de rádios comuns nas localidades com alemães e seus descendentes diversos aparelhos radiofônicos foram quebrados em nome da segurança nacional e seus proprietários levados até a delegacia para prestar esclarecimentos. Os programas que a Alemanha irradiava para o Brasil, despertavam grande interesse e curiosidade entre os teutos, que se tornaram ouvintes assíduos desta emissora. É verdade que tais transmissões enalteciam o nacional-socialismo e procuravam engrandecer os valores germânicos.

Em Itajaí, um grupo de teutos foi obrigado a caminhar pelas ruas centrais da cidade carregando seus aparelhos, para que servissem de exemplo àqueles que ousassem desafiar as instruções do DOPS. Estavam acompanhados por autoridades policiais e, na frente, alguns iam segurando placas com dizeres que, infelizmente, não foi possível identificar. (Ver Anexo 4) Em Biguaçu, um padre foi preso por possuir uma suposta *radioemissora clandestina*:

O vigário de Biguaçu, Pe. Antônio Kondlick, alemão nato, foi detido e levado às grades da prisão, em Florianópolis. Foram acusado de acionar uma radioemissora clandestina, filtrando notícias para os nazistas, na Alemanha. O aparelho radiofônico achado, escondido atrás do altar, na igreja matriz de Biguaçu, no entanto era apenas um radiorreceptor, que imediatamente foi apreendido pela polícia. Na capital surgiu o boato de que no distrito de Antônio Carlos havia uma estação transmissora clandestina que passava as notícias pelo interior da terra até a Alemanha nazista.¹¹⁹

Tais atos constituíam um cerceamento da liberdade individual e não se justifica que tais ações sejam realizadas em nome da integridade territorial. Eram, sim, fruto de uma legislação autoritária, que servia para aumentar o medo nas comunidades estrangeiras. Estas ações também aumentaram os sinais de revanchismo e ódio que a população em geral tinha pelos teutos.

¹¹⁹ REITZ, op. cit. p. 246.

Seyferth, em sua obra, registrou as reclamações dos descendentes germânicos, em que podemos observar o Estado policial que estava vigorando no período.

Quando o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, a polícia recolheu os rádios e os automóveis dos teuto-brasileiros. Os discos de música alemã foram quebrados e os livros em alemão queimados. Os jornais, almanaques e revistas religiosas em alemão também foram queimados. Queriam até revistar todas as casas, mas não havia policiais suficientes para isso. Algumas coisas foram destruídas pela polícia, outras pelos próprios donos, com medo de represálias. Muita gente descendente de alemães foi presa.¹²⁰

Quando as pessoas destróem seus próprios bens e objetos, podemos aferir o quanto estavam temerosas com as atitudes da polícia, repletas de arbitrariedades e abusos. A nacionalização era feita à força e interferia diretamente na vida cotidiana das pessoas. Ações e atos eram necessariamente realizados com muita prudência e cuidado. Tudo era motivo de acusação contra a população alemã.

De repente, todos viramos subversivos, traidores, antibrasileiros. Esqueceram que muitos de nós foram lutar na Itália contra os alemães, isto porque consideram o Brasil a sua pátria, [...] Quando veio a 2ª Guerra Mundial todos os alemães foram presos. Segundo o chefe de polícia, era uma questão de segurança, para que não fossem prejudicados por brasileiros. Perguntou se eu era sócio da Sociedade Hitlerista. Gostavam desses interrogatórios. Imagina, nem existia aqui uma tal sociedade e queriam que eu fosse membro dela. Só um ou outro fazia propaganda nazista, conferencias, mas antes da guerra, e isso era permitido.¹²¹

Ainda sobre as prisões efetuadas, merece destaque o caso do pastor luterano Hermann Stoer. Este religioso foi detido duas vezes, em Rio do Sul, e conduzido ao presídio político da Trindade, em Florianópolis.

¹²⁰ SEYFERTH, op. cit. p. 189.

¹²¹ Idem. p. 190.

A partir de agosto de 1942 a situação piorou sensivelmente, pois começou então uma época de denúncias contra nós [...] eu tinha que cuidar ao máximo, para não ser vítima de uma denuncia, [...] no entanto, toda a preocupação não foi suficiente, e após a celebração de um culto em Taió [...] Stoer foi preso, [...] Na capital foi entregue na delegacia do DOPS e encarcerado juntamente com mais dois presos, um italiano e um japonês, [...] os prisioneiros foram levados à estação agrícola experimental da penitenciária do Estado, atual bairro da Trindade em Florianópolis.¹²²

Stoer estava sendo acusado de *praticar* reuniões em propriedades de alemães. Esta foi a acusação para justificar a sua prisão. Em Florianópolis, no presídio, Stoer descreve o local:

Este campo de concentração, como era chamado, foi local de trabalho para os presos, que retiravam tocos e cepas de arvores, bem como construir estábulos e capinar a plantação existente. Dormíamos num colchão dobrável, que de manhã bem cedo era recolhido. [...] Como éramos diversos pastores no campo, que entre si mantinham bom relacionamento, foi para nós mais fácil agüentar esta prisão com seus lados negativos. Nestas circunstancias, festejamos nosso primeiro natal em guerra. Quando cantamos as conhecidas canções natalinas, a maioria das pessoas estava com lágrimas nos olhos...¹²³

Após seis meses, Stoer foi solto, porém, em outra situação (aniversario de Irmã Luise, supervisora do hospital Cruzeiro), foi preso novamente com a mesma justificativa da prisão anterior: era proibido fazer reuniões. Foi levado novamente para Florianópolis, onde por influência de um amigo bem relacionado com Lara Ribas, conseguiu sua libertação.

Outra forma de manifestação das ações contra os teutos era através da depredação de empresas. Comentando sobre o torpedeamento de navios brasileiros, por submarinos alemães, Falcão descreve os atos realizados contra as empresas de propriedade de teutos brasileiros:

¹²² DIRKSEN, Valberto; KLUG, João. (Org.) *Igreja, Religião e Religiosidade*. Rio do Sul: UFSC, 1999. p. 234 - 235.

¹²³ Idem. p. 235.

Convocado pelas autoridades ou por instituições como a Liga de Defesa Nacional, o povo saiu às ruas em Florianópolis exigindo vingança: a multidão atirou pedras nas vidraças de algumas casas, arrancou a placa da rua Blumenau (substituindo-a por outra com a denominação de Aníbal Benévolo, um dos navios afundados), mudou o nome de várias lojas (a Livraria Central, de Alberto Entres, tornou-se Livraria Baependi; a Casa Veneza transformou-se em Casa V), e abrigou alemães e italianos a darem vivas ao Brasil, a Getúlio Vargas e a Nereu Ramos[...]¹²⁴

Nota-se como o clima era desfavorável aos teutos, os atos praticados pelo Estado alemão eram *vingados* em tudo que lembrasse a Alemanha. Os trabalhadores, também sofreram com discriminações em suas empresas,

[...] a Empresa Força e Luz de Santa Catarina solicitou permissão do Ministério do Trabalho para demitir 24 trabalhadores, alguns com muitos anos de serviço (Oscar Welse, 28 anos; João Brem, 20 anos; Carl Hautmann, 18 anos; e Geraldo Dressler, 18 anos), alegando que eram súditos de países com os quais o Brasil estava em guerra.¹²⁵

Esta problemática poderia ter ligações com os seus sobrenomes todos alemães.

Algumas normas serviam para toda a população e funcionavam como um verdadeiro treinamento em caso de eventuais ataques aéreos.

A pretexto de adestrar o povo para um eventual ataque aéreo, o governo implantou em várias cidades, como Florianópolis, Blumenau e Joinville, o sistema de Defesa Passiva Antiaérea: na capital, o primeiro exercício aconteceu em 22 de setembro de 1942, às 17 horas, quando sirenes deram o sinal de alarme para que todos procurassem abrigo, depois do que aviões simularam um bombardeio utilizando sacos de cal. Mas a imposição de controles mais severos foi além, com a proibição do uso de buzinas e de faróis sem vidros fosco violeta nos veículos [...] e com a organização de “black-outs”, onde era exigida obediência ao toque de recolher

¹²⁴ FALCAO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: UNIVALI, 2000. p. 175 E 176.

¹²⁵ FALCAO, op. cit. p. 176 e 177.

(salvo com expressa autorização policial) e às normas de cobrir as janelas das casas com pano ou papel para eliminar focos de luz.¹²⁶

Além de todas estas regras, das prisões e confisco de livros e bíblias, conforme situações já apresentadas neste trabalho, diversas armas foram retiradas dos clubes de caça e tiro e das residências dos teutos (ver Anexo 5), pois representavam – segundo a ótica estatal – uma gigantesca ameaça à segurança da população em geral.

Outra situação – que muitos historiadores não levam em conta – é o fato das diversas fotos e imagens que o DOPS utilizou para justificar suas atitudes. As fotos mostram desfiles (ver Anexo 6), reuniões (ver Anexo 7) e outras manifestações onde aparecem Símbolos Nazistas (fotos de Hitler, cruz gamada, bandeiras, etc) que foram produzidas antes do Estado Novo, portanto num momento em que tais manifestações eram toleradas. Porém, a partir de 1938, e principalmente 1942, o que era tolerado passa a ser reprimido e violentamente banido; iniciando-se o recolhimento de todo e qualquer material que lembre a Alemanha, o NSDAP e Hitler. (Ver Fotos no Anexo 8).

¹²⁶ Idem. p. 177.

4 SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA NO CONTEXTO DA NACIONALIZAÇÃO DURANTE O ESTADO NOVO

4.1 São Pedro de Alcântara ontem e hoje

A imigração alemã em Santa Catarina teve como marco inicial a fundação da Colônia de São Pedro de Alcântara, em 1829. Esta colônia, além de fomentar o crescimento populacional na região, serviria também como ligação entre Desterro e Lages, ou seja, entre o litoral e o planalto serrano.

Os primeiros imigrantes alemães, destinados a colonizar a Província da Santa Catarina, aportaram em Desterro em dois bergatins, o “Luiza” e o “Marquês de Viana”, em 1828, respectivamente a 7 e a 12 de novembro. O primeiro trazia 276 e o segundo 359 imigrantes; eram os primeiros 635 imigrantes a iniciar sua nova vida em solo catarinense.¹²⁷

Em março de 1829, tem-se a instalação dos primeiros imigrantes, recebendo a colônia o nome de São Pedro de Alcântara, em homenagem à família imperial. A primeira tarefa foi a árdua derrubada da mata e a construção das primeiras habitações, tarefa essa que apresentava muitas dificuldades.

Deve-se destacar a desfavorável localização geográfica. Seu relevo não era próprio para uma agricultura de rotação de culturas. A lavoura ficou restrita a pequenas áreas cultiváveis. O sistema agrícola adotado era primitivo e não permitia um maior desenvolvimento na produção e, conseqüentemente, da colônia. Esses fatores aliados ao descaso do governo provincial e ao fato do governo imperial não realizar mais gastos com os imigrantes, levam uma onda de evasão para outras áreas, proporcionando o surgimento de

¹²⁷ JOCHEM, Toni Vidal. *Pouso dos imigrantes*. Florianópolis: Papa-Livro, 1992. p. 41.

novos núcleos coloniais. *São Pedro de Alcântara, se não progrediu, teve um efeito disseminador do elemento germânico.*¹²⁵

Em suas viagens pelo Brasil, o médico Robert Ave-Lallemant, que também esteve em São Pedro de Alcântara, deixa registrado sua impressão sobre os tempos iniciais da colônia:

A colônia de São Pedro de Alcântara foi fundada no ano de 1829. Quando chegaram as primeiras famílias, abandonaram-nas vergonhosamente e nenhuma delas tem a menor razão de ufanar-se daqueles tempos e condições. Naqueles duros tempos iniciais muitos chegaram até a mendigar. Guardaremos silêncio a respeito. Melhorou.¹²⁶

As poucas famílias, que lá apareceram, conseguiram manter ativo este núcleo povoador que foi apresentando um lento desenvolvimento econômico e social.

Atualmente, São Pedro de Alcântara é um município, desmembrado de São José, e instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1997. Tem como base econômica a agricultura e o turismo e além da colonização germânica – que lhe vale o título de Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina – São Pedro foi também povoada por elementos de etnia luso-açoriana. Atualmente, o poder público alcantareense busca construir, fabricar, uma germanidade no município, consagrando valores que muitas vezes nem estiveram presentes em nenhum momento da história da região.

¹²⁵ KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis*. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 35.

¹²⁶ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1980. p. 133.

4.2 São Pedro de Alcântara no contexto da nacionalização.

Os imigrantes alemães e seus descendentes em São Pedro de Alcântara não conseguiram preservar e difundir a cultura germânica. Diferente de outras áreas do estado catarinense, onde há grande concentração de elementos da cultura germânica, tais como: clubes de caça e tiro, sociedades ginásticas e musicais e cervejarias; em São Pedro de Alcântara se verifica apenas uma das únicas manifestações da germanidade: o idioma na forma do dialeto moselano da região do Hunsrück. Na culinária percebemos reminiscências de algumas características da cozinha alemã, porém já incorporados com elementos açorianos. O idioma era praticado na vida cotidiana, principalmente, no lar, na igreja e nas escolas. Na década de 40, um visitante mais desavisado, só iria perceber que estava numa colônia alemã, ao ouvir as pessoas falando. De fato, nem as residências lembram de longe traços da cultura germânica, pelo contrário, muitas revelam em sua arquitetura um caráter luso-açoriano.

Por levar o título de *Primeira Colônia Alemã de Santa Catarina* e por possuir pessoas que dominavam um dialeto alemão, São Pedro também foi alvo das ações nacionalizadoras na década de 40. Conforme iam evoluindo os acontecimentos e a postura brasileira em relação aos países do eixo, São Pedro era alvo de ações regulamentares que interferiam no cotidiano das pessoas. O prefeito de São José, Pedro Mayvorne, recebeu a seguinte correspondência de Ivens de Araújo, Secretário da Segurança Pública, com ordens de reproduzir as normatizações do governo federal frente aos acontecimentos da política internacional:

Florianópolis, 11 de setembro de 1939.

Circular nº. 61 – Sr. Prefeito.

Para que V. S. sejam tomadas as providências necessárias, faço transcrever o ofício 2.582, de 5 do corrente, do Sr. Dr. Secretario d'Estado dos Negócios da Segurança Pública a este DAM.

Florianópolis, 05 de setembro de 1939.

Sr. Diretor – De ordem do Exmo. Senhor Doutor Interventor Federal, transcrevo a V. S. o seguinte telegrama reservado, que S. Excia. acaba de receber do Exmo. Snr. Ministro da Justiça – Off. Reservado – Interventor Nereu Ramos – Fpolis. SC.

Rio de Janeiro – 20 h. De ante situação criada guerra européia. Vg tenho honra solicitar vossencia determine autoridades estaduais e municipais providencias adequadas para proibir vg especialmente nas zonas de colonização estrangeira vg toda discussão pública sobre assuntos de guerra vg vedando manifestações pró ou contra qualquer dos países em luta ou com possibilidade de entrar no conflito pt – Francisco Campos – Ministro da Justiça.¹²⁷

Neste período (1939), a nacionalização ainda estava branda, limitando-se a cultivar o nacionalismo brasileiro e a manter uma política de neutralidade face aos desdobramentos políticos da Europa. Mas, a partir da declaração de guerra ao eixo (1942) e como já destacamos no capítulo 3, as ações serão mais drásticas e irão interferir diretamente na comunidade de São Pedro de Alcântara.

A primeira interferência foi no idioma, com a proibição do seu uso nas escolas, nas igrejas e no próprio lar. Em entrevista com Etelvino Vieira, morador de São Pedro, quando da declaração de guerra ao eixo, então com 13 anos, nos relata a seguinte situação:

Certo dia na escola, disseram que não íamos mais ter aula em alemão. Mandaram a gente trazer todos os livros que estavam em casa e que eram em alemão. Ninguém entendeu nada, meu pai disse que era por causa da guerra. Eles também pararam de falar o alemão em casa com a gente. O que eu sei de alemão hoje, foi daquela época que eles falavam com os pequenos em casa. O professor que ensinava alemão saiu da escola.¹²⁸

Podemos perceber a intolerância com tal atitude, o que era até então permitido, foi subitamente proibido e taxado de anti-nacional, constituindo-se numa ameaça. Tal atitude

¹²⁷ ARQUIVO HISTORICO DO MUNICIPIO DE SÃO JOSÉ. Pasta de Correspondências recebidas pelos prefeitos – De 1937 a 1940. “Coleção – Cartas recebidas e emitidas”.

¹²⁸ VIEIRA, Etelvino. Entrevista realizada em 05 de abril de 1999. Arquivo do Autor.

privou as crianças de aperfeiçoarem o idioma alemão, deixando uma lacuna que ainda hoje é percebida na cidade de São Pedro de Alcântara.

As sanções impostas atingiram também a Igreja Católica local. Era comum o padre proferir dois sermões, um em idioma português e outro em alemão, dado que alguns moradores tinham mais afinidades com a língua germânica.

Na igreja o padre dava dois sermões, um em brasileiro e outro em alemão. Foi proibido o sermão em alemão e não podíamos falar alemão na igreja, foi tudo proibido pelas autoridades. Tinha gente que só falava bem alemão, mas não podia, quem fosse pego iria tomar óleo de rícino. Os idosos ficavam calados. Na escola também foi tudo proibido.¹²⁹

Segundo as palavras do entrevistador Zacarias Schmitz, percebemos como foi sentida a proibição do idioma, pois o que fizeram aqueles que só se expressavam em alemão? De que maneira iriam se comportar na esfera pública? Sem dúvida, foi uma situação constrangedora e que levou as pessoas a terem um cuidado com sua postura no espaço social.

Também na relação entre pessoas, ocorreram situações em que rivalidades e desavenças foram incorporadas ao contexto político da época:

Tinha aqueles que não ligavam pra nada disso que estava acontecendo (a guerra) e eram todos amigos. Muitos aproveitaram para pegar no pé dos outros e tirar uma casquinha. A gente falava alemão em casa e tivemos que parar, muitos brasileiros ao verem dois ou mais descendentes falando em alemão, iam correndo de encontro para ver se estavam falando alemão, para denunciar as autoridades. Tinha gente que chamava nós de alemão de merda e traidor e algumas vezes tinha briga.¹³⁰

A exemplo do que aconteceu em Antônio Carlos, também em São Pedro de Alcântara, o cemitério local foi invadido pelas autoridades nacionalizadoras. Dois

¹²⁹ SCHMITZ, Zacarias. Entrevista realizada em 02 de outubro de 1994. 76 anos Arquivo do Autor

¹³⁰ Idem.

entrevistados nos relataram que os túmulos com sobrenome germânico e inscrições em alemão foram sumariamente destruídos, gerando um clima de indignação e de medo nas famílias que possuíam parentes sepultados no cemitério local.

Vinha gente mandada pela autoridade de São José, logo que começou a guerra e quebraram um monte de cruz do cemitério, eles diziam que faziam e pronto, eu lembro que as pessoas começaram a ir no cemitério e apagar as palavras em alemão, que era para não ser quebrado o tumulo.¹³¹

A intolerância estava presente nestas ações e as justificativas eram as mesmas utilizadas nos grandes centros de colonização.

Em 1929, quando se comemorou os cem anos da imigração alemã em Santa Catarina, foi erguido um monumento em São Pedro de Alcântara com uma placa que lembrava a data. O então governador do Estado, Vitor Konder e o prefeito de São José, Nicolau Antônio Kretzer, ambos de descendência alemã, procederam a inauguração. A placa tinha os seguintes dizeres em português: “Em veneração à pátria brasileira e às virtudes de seus maiores, que aqui se estabeleceram há cem anos, como primeiros imigrantes alemães, os descendentes agradecidos desses colonos fizeram erigir este marco comemorativo.”

Nesta mesma placa, logo abaixo, aparecem os mesmos dizeres, porém em alemão: *”In liebe zu ihrem vaterkand brasilien und in treue zur art ihrer vaeter, die sich vor hundert jahrem hier in Sanata Catharina als erste deutsche einwanderer niederliessen errichteten diesen gedenkstein die dankbaren nachkommem”*. São Pedro de Alcântara – 15 de novembro de 1929. Foi mantida a grafia original da placa.

Este monumento, inaugurado na data comemorativa da Proclamação da República, também foi alvo de depredação por conta e obra de agentes nacionalizadores. Longino Clasen, na época com 16 anos e morador em São Pedro de Alcântara, nos relata o que aconteceu:

¹³¹ CLASEN, Longino. *Entrevista realizada em 24 de janeiro de 2000*. Arquivo do Autor

“A placa foi tirada mais ou menos em 1940, pois os dizeres que tem alemão, também tem em português, era uma placa que comemorava os cem anos de imigração alemã. A placa foi tirada e levada para São José, lá eles rasparam os dizeres em alemão. Em 1979, no sesquicentenário foi mandado botar os dizeres em alemão no mesmo lugar e na mesma placa, hoje ela está ali na praça.”¹³²

De fato, atualmente a placa se encontra junto ao monumento que comemorou em 1999, os 170 anos da imigração alemã para Santa Catarina. (Ver fotos no Anexo 9).

Não há provas documentais que evidenciem prisões em São Pedro de Alcântara. Há notícia de uma *prisão* momentânea que ocorreu numa *domingueira*¹³³ narrada por Clasen:

Eles faziam domingueiras aqui a tarde, logo que começou a guerra, tinham uns cantos que a gente tinha que dizer, a guerra eu tenho que defender, tenho que defender o céu azul a nossa terra. A pessoa que era de origem alemã e não ajudasse a cantar, eles chegaram a prender numa cadeia que tinha aqui em São Pedro mesmo. Um rapaz que se chamava Balduino, já falecido, disse que não ia cantar. Há não quer cantar? Vai preso, e botavam na cadeia só naquela tarde e não dançava mais. Era um cântico de louvar ao Brasil e condenando a Alemanha. Aquela tarde ele não participava da diversão.¹³⁴

Numa época de nacionalismo levado aos extremos, quem não *louvasse* o Estado Nacional com hinos e cânticos não se enquadraria nos ideais de patriotismo recomendados pela polícia estadonovista; ainda mais se a recusa fosse de um teuto-brasileiro.

Também nos lares, algumas posturas tiveram que ser adotadas, escondendo-se quadros e bíblias alemães. Ireneo Clasen, em outra entrevista, relata um fato ocorrido em sua residência:

¹³² Idem.

¹³³ Conforme os moradores locais, *domingueira* era o nome dado aos bailes que se realizavam domingos à tarde, geralmente no salão da igreja ou ainda em salões particulares. Além de dançarem as pessoas também costumavam tomar cervejas e outras bebidas alcoólicas nestes encontros.

¹³⁴ CLASEN, Longino. Idem.

A nossa casa aqui na praça, como o senhor pode ver, é bem próxima da rua. Um dia no final da tarde quando estávamos jantando ocorreu um fato: Antes de jantar, meus pais rezavam em alemão, daí passou um negro ali fora e disse: “aqui é o Brasil e só se fala em brasileiro.” Meus irmãos quiseram brigar com ele, mas meu pai disse que não, ficamos irritados.¹³⁵

A afronta ao cotidiano dos teutos atingiu também os lares. Mesmo sendo um episódio isolado, quantos não deixaram de realizar suas preces em alemão, com medo de represálias e denúncias. Aliás, o medo estava inserido no cotidiano das pessoas.

Havia também um medo coletivo. Os teutos sabiam até onde podiam ir, ou seja, criava-se uma noção do espaço delimitado pelas novas regras, que excluía não só a língua, mas também sua participação social. Chegavam a São Pedro, relatos e comentários de prisões de descendentes de alemães, espancamentos e quebra-quebra realizados em clubes e salões freqüentados pelos alemães. Desta maneira,

O termo “medo” ganha então um sentido menos rigoroso e mais amplo de que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer, tal ou tal ameaça (real ou imaginária).¹³⁶

Uma situação que relata as escaramuças entre vizinhos, nos foi apresentada por Avelino José Junckes, envolvendo a questão do idioma alemão:

Uma vez o Zé Coelho disse que ia cortar a língua da Maria Schweitzer; ela falava um pouco enrolado, falava um pouco em alemão e um pouco em português. O Zé Coelho não gostava dos alemães. O seu genro, foi com o revólver na cinta, lá na casa do Zé Coelho, perguntar quem é que ia cortar a língua da Maria Schweitzer, o Zé Coelho nem saiu de casa (risos) e ficou por isso mesmo.¹³⁷

¹³⁵ CLASEN, Ireneo. Entrevista realizada em 06 de abril de 1999. Arquivo do Autor.

¹³⁶ DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹³⁷ JUNCKES, Avelino José. Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2000. Arquivo do Autor.

Outra situação que Avelino nos apresentou, refere-se à separação das crianças de origem alemã e às de origem lusa, na catequese: “Na doutrina que tinha na igreja, eles separaram as crianças que falavam alemão, isso dava muita raiva na gente.”¹³⁸ Provavelmente e, por ordens das autoridades, os religiosos não poderiam permitir a “influência” das crianças alemãs sobre as crianças de origem portuguesa.

Ainda sobre a interferência no cotidiano, Catarina Stähelin, nos sobre o clima em seu lar:

Nós fomos muito perseguidos, nós usávamos uma oração na mesa em alemão. Somos católicos e isto era uma tradição na família. Aqui em casa chegaram uns policiais mandados pela autoridade, e disseram que o alemão estava proibido. Nós tínhamos uma Bíblia e o Evangelho em Alemão, tivemos que entregar e nunca foi devolvido.¹³⁹

Novamente, percebe-se a forte interferência no cotidiano de pessoas de origem alemã.

Comentando a relação entre os descendentes de alemães e lusos, a Sra. Catarina comenta que

[...] havia muita vingança, vingança profunda, eles eram uns matadores de formiga e insistiam dizendo: não pode falar o alemão, seus alemães [sic] de merda . [...] na 2ª linha, em Santa Filomena, alguns foram presos por falar em alemão.¹⁴⁰

Podemos sentir, durante a entrevista, a veemência com que Catarina colocava as suas palavras, ainda permeadas de um certo ressentimento. Ao ser perguntada se tinha conhecimento sobre a Alemanha e o nazismo na época da guerra, ela nos enfatizou que “não

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ STÄHELIN, Catarina. Entrevista realizada em 20 de janeiro de 2000 Arquivo do Autor.

¹⁴⁰ Idem.

estavam por dentro do que acontecia na Europa; só depois bem mais tarde quando os filhos foram pra Europa, é que ela entendeu melhor o que havia acontecido.”¹⁴¹

Foi uma tônica em todas as entrevistas perceber o quanto estavam alheios ao nazismo e aos acontecimentos na Europa. Esta situação reforça as palavras de Seyferth. Segundo ela, “se na zona urbana o partido nazista teve uma atuação relativamente constante e, de certo modo, conseguiu aliciar muitos partidários, na zona rural sua penetração foi inócua e os colonos se mostraram indiferentes.”¹⁴² Tal faceta ficou bem nítida em São Pedro de Alcântara. Foi mais uma generalização arbitrária da campanha da nacionalização, ou seja,

[...] o teuto-brasileiro representa a campanha da nacionalização como uma ação uma ação que carecia de lógica, não tinha fundamento e significou o aviltamento de cidadãos leais ao Brasil, que tiveram seus direitos cassados sem nenhuma razão compreensível. Cidadãos que, de repente, passaram a ser tratados como estrangeiros, incluídos contra a vontade, num grupo ao qual não pertenciam: o nacional-socialismo.¹⁴³

Não conseguimos detectar qualquer situação que colocasse os teutos de São Pedro de Alcântara como divulgadores do nacional-socialismo ou algum material que pudesse ligá-los a atividades anti-nacionais.

Em entrevista realizada com Olívio Rosa, podemos comprovar que os salões de baile, em São Pedro de Alcântara, possuíam uma certa *divisão* étnica:

Tinha o salão aonde iam Zé Elias, o Ricardo Elias; este era freqüentado mais pelos brasileiros, já no salão do Leopoldo Kretzer, ia mais o pessoal alemão. Eu dançava nos dois, dancei muito e fiz muita farra com a alemoada daqui, eu não era nem de um lado nem de outro. Eu ia junto com os Reitz, a gente comprava uma garrafa de gasosa e um copo de cachaça e saía a dançar com a mulherada.¹⁴⁴

¹⁴¹ op. cit.

¹⁴² SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade étnica*. Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 176.

¹⁴³ Idem. p. 192 e 193.

¹⁴⁴ ROSA, Olívio. *Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2000*. Arquivo do Autor.

Nota-se que nem todos estão envolvidos em questões étnicas com os teutos. Naturalmente, que não iremos generalizar e inventar fatos que levassem a suposições que, em São Pedro de Alcântara, os teutos e os lusos, na sua totalidade, viviam às turras. Nas declarações de Olívio Rosa, podemos comprovar um bom relacionamento.

Por fim, terminamos este capítulo com um momento de descontração numa das últimas entrevistas que realizamos para este trabalho. Comentando as relações entre os teutos e brasileiros, Sr. Longino afirma:

Havia alguma rixa, de poucas famílias de portugueses, daí quando viam algum alemão eles abusavam, eles sabiam que os alemães estavam sendo perseguidos, então eles ficaram abusando, no restante a convivência era tolerável, inclusive hoje tem muita gente de origem açoriana casada com de origem alemão, é interessante que esses que mais perseguiam, que falavam mal dos alemães, todos os filhos deles casaram com gente de origem alemã, quer dizer que, depois que acabou a guerra os alemães eram bons para casar (risos!).¹⁴⁵

¹⁴⁵ CLASEN, Longino. Entrevista realizada em 24 de janeiro de 2000. Arquivo do Autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou expor a situação dos alemães e de seus descendentes durante o Estado Novo e, principalmente, após a declaração de guerra que o Brasil fez ao eixo, em algumas regiões de Santa Catarina e, especificamente, em São Pedro de Alcântara.

O governo federal e o governo estadual, através da interventoria de Nereu Ramos, desencadeou uma consistente campanha nacionalizadora nas áreas de população alemã e de seus descendentes. Normatizações de condutas interferiam no cotidiano de pessoas que preservavam traços de manifestações culturais da pátria de seus antepassados.

Foi promovida uma cruzada nacionalista, desejando eliminar a diversidade cultural existente em Santa Catarina e nas colônias “alienígenas”. Os alemães foram acusados de não desejarem se integrar ao país que os acolheu, sendo colocados numa posição de suspeita e de ameaça à soberania brasileira.

O discurso oficial, realizado contra os teutos, mostrou-se muito eficiente, levando a sociedade em geral a reprimi-los.

Um olhar sobre São Pedro de Alcântara também mostrou que a nacionalização, arbitrária e generalizadora, caminhou por suas ruas. A própria política, baseada no autoritarismo, ajudou a expor os teutos numa posição de indesejáveis.

Num exercício de memória, percebemos que o medo estava nas entrelinhas de alguns depoimentos, lembrando tempos de intransigência e perseguições.

Notamos, também, que em São Pedro de Alcântara, no auge do totalitarismo, os teutos eram alvos de denúncias provenientes de elementos que, até então, não tinham nenhum problema de relacionamento, independente da etnia ou do grupo social a que pertencessem. Sem dúvida, Nereu Ramos soube executar, com tenacidade, as normatizações que o governo federal decretava contra os estrangeiros.

Utilizando a técnica da história oral, comprovamos a importância dos relatos sempre acompanhados de alguma tristeza, de alguma marca que os anos não conseguiram diluir. Esta parte, aliás, tem um campo muito extenso e deve ser continuada para futuros projetos. Afinal, não existe assunto encerrado e nem pesquisa terminada, pois a história caminha. Muitas destas pessoas, que viveram no período abordado, estão falecendo e levando consigo importantes lembranças. Ireneo Clasen, entrevistado em abril de 1999, veio a falecer em fevereiro de 2000. Deixou em um depoimento, gravado e transcrito, um pedaço da sua “memória”.

Frei Elzeário Deschamps Schmitt, num misto de revolta e desabafo, constata que:

A destruição da memória escrita vem juntar-se à destruição de memória visual. Já disse que São Pedro de Alcântara, antes do seu cemitério atual, teve três outros cemitérios, todos destruídos, onde não ficou cruz, onde não ficou pedra sobre pedra. Sepulturas antigas, em todos os tempos e lugares, sempre oferecem referências históricas – nomes, datas, muitas vezes provas únicas. Não existe isso em São Pedro. Em São Pedro acontece a violação das cruzes dos cemitérios, de encabulhada com as outras imposturas, de freio solto por um nacionalismo tão mal inspirado que, em vez de semear mais escolas, só amargura semeava. Cada pessoa de nome germânico {...} era suposto inimigo da pátria. Também isto o castigado colono de São Pedro de Alcântara teve de deixar correr sobre sua castigada vida, como outros tantos, para que na mesa do carrasco destruidor não faltasse a couve, a alface, o tomate e a manteiga de colono.¹⁴⁶

Frei Elzeário lamenta a falta de elementos materiais que remetam à cultura alemã e destaca, ainda, que “com referência à memória visual, não deve o estudioso da História ou o turista procurar em São Pedro qualquer presença do passado. Também ali o ataque foi demolidor. [...] é uma constatação constrangedora numa época como a nossa [...]”¹⁴⁷

Porém, as pessoas ainda estão lá, e são testemunho de uma época de intolerância e de normatizações de condutas, de fortes interferências no seu cotidiano.

¹⁴⁶ SCHMITT, Elzeário Deschamps. In: JOCHEM, Toni. (org.) *São Pedro de Alcântara 1829-1999: Aspectos de sua História*. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999. p. 181 e 182.

¹⁴⁷ SCHMITT, op. cit. p. 182.

Em nossas pesquisas, descobrimos que alguns objetos confiscados na campanha da nacionalização permanecem em exposição permanente até os dias atuais. Localizamos duas peças no Museu de Armas da Polícia Militar.¹⁴⁸ As peças estão lá. Bem cuidadas e testemunham – segundo o guia – uma época com forte atuação dos nazistas. (Ver fotos no anexo 10 e compará-las as do anexo 8). A propósito, o nome do Museu de Armas da Polícia Militar é *Lara Ribas*.

¹⁴⁸ O Museu de Armas da Polícia Militar localiza-se no Forte Santana, próximo à ponte Hercílio Luz, na parte insular.

ANEXOS

ANEXO 1



Figura 10 – Foto de Himmler - Chefe da GESTAPO.

FONTE: MORRISON, Herbert. **Operário Inglês e Operário Alemão.** (s.l., s.e., s.d.)

ANEXO 2

Quadro demonstrativo com nomes e atividades dos alemães ligados ao Partido Nazista e internados em Trindade, Florianópolis, Santa Catarina (anos 40)

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Jacob Karsten	Cruzeiro do Sul	- partidário exaltado do nazismo, manifestou-se inimigo do Brasil
Hans Otto Vorberg	Blumenau	- um dos mais destacados elementos da causa pró Alemanha - oficial superior reformado do exército Alemão
Paulo Ohl	Florianópolis	- nazista fanático - colaborador do anuário <i>Volk und Heimath</i> - mandou o filho servir o exército Alemão na guerra, morrendo como herói da pátria alemã
Carlos Marx Hilmar Willy Toepfer		- nazista fervoroso
Ricardo Gotsmann		- secretário de imprensa da chefia nazista de Florianópolis - detinha em sua residência grande quantidade de material de propaganda nazista
Johanes Blummel		- pastor evangélico, nazista confesso e dirigente da Escola Preparatória de Professores, da Liga Escolar de Santa Catarina (organização semi-nazista) e Associação de Professores

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Paulo Gebhardt		- condenado pelo TSN a seis meses de prisão. Motivos: reincidência na observância de determinações legais
Franz Strube		- chefe regional do Partido Nazista em Rio do Sul - detinha em sua residência material de propaganda nazista (quadros de Hitler, suásticas e revistas)
Augusto Kiel		- técnico eletricista - freqüentou cursos de especialização de chefe nazista na Alemanha
Alfredo Grosweiler	Blumenau	- fez parte dos grupos de ex-combatentes filiados ao nazismo em Blumenau - montou uma estação radiotransmissora em 1932 para servir aos interesses da causa revolucionaria de São Paulo - Recebia da Alemanha o noticiário de guerra e entregava ao jornal <i>Urwaldsbote</i> , para ser publicado
Friedich Karl Kurt Luscke	Blumenau	- industrial em Blumenau - ex-oficial da Marinha Alemã - jurou fidelidade a Hitler na festa de seu aniversário
Eugen Keller	Passarinhos (fronteira com Chapecó)	- nazista perigoso - conhecia a confecção de granadas - envolvido com a entrada de armamentos em Chapecó destinado ao levante integralista
Alberto Artur Stolt	Chapecó	- elemento pró-eixo

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Franz Zander	São Bento	- ex-sargento do Exército Alemão - simpatizante da Alemanha nazista
Johan Wortsmeyer	Harmonia	- reincidente em desobedecer as determinações legais das autoridades brasileiras (MJNI)
Werner Andresen		- pastor evangélico - sob observação policial desde 1938 por ser elemento anti-nacionalista - propagandista e partidário nazista
Hans Fuhmann		- era visto fazendo ronda nas imediações do consulado inglês em Florianópolis - membro da Frente de Trabalho Alemã filiada ao NSDAP de Santa Catarina
Hans Niemeyer	Itajaí	- em 1937 foi um dos signatários do convênio secreto das sociedades de Blumenau com o Partido Nazista, pelo qual se comprometia em nunca desenvolver atividades contra Hitler ou o Terceiro Reich - em 1942, ofendeu aos brasileiros e exaltou Hitler
Frederico Hroch	Cruzeiro	- entusiasta do nazismo - propagandista
Reinoldo Baudisch	São Francisco do Sul	- chefe nazista em São Francisco do Sul - profissão: açougueiro
Augusto Hochappel	Rio do Sul	- nazista destacado em Rio do Sul - destruiu o material nazista que detinha
Bruno Dieckmann		- membro do Partido Nazista, núcleo de Florianópolis

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Ernest Zeibig		<ul style="list-style-type: none"> - chefe do núcleo da Frente de Trabalho Alemã do Rio Grande do Sul - integrante do Estado Maior da Chefia Regional
Hans Frieze	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - nazista exaltado - detinha em sua residência material de propaganda nazista
Paulo Gresser	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - propagandista
Hans Kugler	Timbó	<ul style="list-style-type: none"> - nazista confesso
Kurt Zoch	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - tenente do Exército Alemão - propagandista
Carl Otto Schmidt	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - fez parte da Organização de Ex-Combatentes filiada ao nazismo em Blumenau - guarda livros da organização de transporte rodoviário de Santa Catarina
Hans Peter Petry	Joinville	<ul style="list-style-type: none"> - filiado ao nazismo - fundador do núcleo de Joinville
Ernest Clebsch	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - chefe do departamento na chefia nazista de Blumenau
Willy Ofenay	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - integralista e nazista - propagandista do nazismo
Geirg Gustav Schutkuss	Harmonia	<ul style="list-style-type: none"> - nazista filiado ao núcleo Pastor Evangélico - membro do conselho pela Liga do Racismo Alemão
Jorge Reddiger	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - participava de reuniões convocada pelo cônsul alemão em Brusque - promovia reuniões de simpatizantes nazistas em sua residência

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Fritz Schmidt	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - secretário de imprensa da chefia nazista de Santa Catarina - viajou para a Alemanha em 1938, retornando em 1939 com cartas do chefe nazista Kurt Prayon, nas quais mencionava algumas opiniões da AO sobre o Brasil
Guilherme Egeler	Cruzeiro	<ul style="list-style-type: none"> - transmitia para outros alemães o noticiário escutado da Alemanha - seu nome constava na caderneta de apontamentos que o Secretário Consular Heis Schmidt, levava para a Alemanha
Gerg Traeger	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - chefe do departamento da chefia geral do nazismo em Blumenau - chefe do núcleo nazista em Itapeva Seca - viajante comercial
Burghardt Wedemeyer		<ul style="list-style-type: none"> - oficial da Marinha de Guerra alemã - estabelecido no Brasil de 1938 - entregador de encomendas em Porto Alegre - auxiliar no Hospital construído pela Liga do racismo Alemão em harmonia - médico - serviu à Aeronáutica Alemã

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Erick Bueckmann	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - integralista e nazista - Diretor técnico da Carlos Renaux S. de que se servia a organização nazista “Fichete-Bund”, para distribuir material de propaganda, em 1941, no Brasil, bem como para fazer publicar em jornais noticiários referentes à Alemanha
Johannes Kieckbusch	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - membros das Tropas de Assalto de Hitler - diácono evangélico - trabalhava numa loja - era encarregado da difusão cultural no consulado alemão
Johann Maar	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - adepto ao nazismo - membro da Frente de Trabalho Alemão
Fritz Goehring	Araranguá	<ul style="list-style-type: none"> - chegou ao Brasil em 1935 - filiado ao Partido nazista - desenvolvia atividade política em comum acordo com o consulado alemão em Florianópolis
Josef Menke	Indaial	<ul style="list-style-type: none"> - encarregado da usina de luz em Indaial - membro do Partido Nazista desde 1934 - chegou ao Brasil em 1932 - recebia material de propaganda
Rolf Saarstedt	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - propagandista do nazismo entre a juventude - empregado da firma Renaux

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Herman Globic	São Bento	<ul style="list-style-type: none"> - encarregado da doutrinação nazista do grupo de Hansa, Jaraguá (SC) - Chegou a São Bento em 1942, vindo de São Paulo
Albert Bretzler	Cruzeiro	<ul style="list-style-type: none"> - suspeito como adepto do nazismo - documentação de identidade irregular, não esclarecendo a sua nacionalidade
Franz Von Knoblauch	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - chefe do núcleo de Blumenau - sob vigilância desde 1938 - detinha material de propaganda em sua residência (publicações e fotografias)
Gerhard Adam	Hausa (Jaraguá)	<ul style="list-style-type: none"> - ex-mecânico do Sindicato Condor em Florianópolis - simpatizante do nazismo
Fritz Frischknecht	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - brasileiro - serviu ao exército alemão - professor de ginástica em Blumenau - autorizado pela Liga do Racismo Alemão a fazer exames de ginástica
Herbert Otto Gerog Boehn	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - foi contrário as medidas de nacionalização do governo Vargas
Cornelius Zirwes	Harmonia	<ul style="list-style-type: none"> - condenado pelo TSN - reincidente em desobedecer as determinações legais das autoridades brasileiras (MJNI)
Hermann Kudiess	Chapecó	<ul style="list-style-type: none"> - motorista - envolvido no caso do transporte clandestino de armamento

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Roberto Holzmann	Itajaí	<ul style="list-style-type: none"> - chegou ao Brasil em 1933 - esteve na Alemanha entre 1938 e 1940 - engenheiro civil - membro da Frente de Trabalho Alemã
Ernest Pulfrichs	Lajes	<ul style="list-style-type: none"> - detinha jornais e livretos nazistas - esteve presente na reunião convocada quando da estada do cônsul alemão em Lajes
Julio Augusto Laub	Brusque	<ul style="list-style-type: none"> - quinta-colunista - propagandista - arrecadador de dinheiro entre os alemães e firmas de Brusque, para enviá-lo a Alemanha, por intermédio de um banco argentino em 1942
Paul Boecher	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - em 1940, foi convocado pelo consulado alemão para reafirmar sua fidelidade a Hitler
Max Adolf Gotlieb Konradt	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - em 1940 esteve na lista dos convidados pelo consulado alemão de Blumenau para festejarem o aniversário de Hitler e reafirmar a fidelidade ao Führer
Werner Garni	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - fichado desde 1940 em Blumenau como nazista - convidado pelo consulado alemão para reafirmar seu juramento de fidelidade a Hitler, em 1940
Fritz Konopfler	Perdizes	<ul style="list-style-type: none"> - membro do Partido Nazista na Alemanha - fundador do Núcleo de Perdizes - propagandista do integralismo

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Fredrich Wilhelm Henschke	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - indícios de que era encarregado da distribuição de correspondência clandestina por intermédio da Auto Viação Catarinense, firma em que trabalhava - irmão de um ex-tripulante do navio Windhuk - participou da festa de aniversário de Hitler em 1940, quando jurou-lhe fidelidade
Herbert Johan Maskus	Rio do Peixe	<ul style="list-style-type: none"> - pastor evangélico - chegou ao Brasil em 1938 - propagandista
Gustav Huedephol	Concórdia	<ul style="list-style-type: none"> - pastor evangélico - denunciado como agente nazista
Oscar Martin Funcke	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - partidário nazista - técnico de rádio - esteve na Alemanha em 1938 e retornou ao Brasil
Heinz Neumann		<ul style="list-style-type: none"> - pastor evangélico - veio da Alemanha em 1939 - relacionava-se com pessoas suspeitas
Carlos Busch		<ul style="list-style-type: none"> - sofria processo para expulsão
Hugo Petersen	Blumenau	<ul style="list-style-type: none"> - veio para o Brasil em 1937 - servia no cruzador alemão Karlsruhe - participou da festa de aniversário de Hitler em 1940, quando jurou-lhe fidelidade

Nome	Local da detenção	Atividades praticadas
Curt Cristian Erhard Stanze	Blumenau	- membro da Frente de Trabalho Alemã
Fritz Lucht	Cruzeiro	- distribuidor de material de propaganda nazista - partidário nazista
Hans Steppat Junior	Florianópolis	- filiado ao grupo nazista de Florianópolis - detinha material de propaganda em sua residência

FONTE: PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p. 239 a 244.

ANEXO 3

**LEGENDA:**

1. Presídio Daltro Filho (RS)
2. Presídio de Trindade (SC)
3. Presídio de Curitiba (PR)
4. "Campo de Concentração" de Guaratinguetá (SP)
5. "Campo de Concentração" de Pindamonhangaba (SP)
6. "Campo de Concentração" de Bauru (SP)
7. "Campo de Concentração" de Pirassununga (SP)
8. "Campo de Concentração" de Ribeirão Preto (SP)
9. "Campo de Concentração" de Pouso Alegre (MG)
10. Presídio de Niterói (RJ)
11. "Campo de Concentração" de Chã de Estevam (PE)
12. "Campo de Concentração" de Tomé-Açu (PA)

Figura 11 - Mapa do Brasil com a localização dos Presídios Políticos

FONTE: PERAZZO, Priscila Ferreira. *O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999. p.211.

ANEXO 4



Figura 12 - Foto dos Teutos-brasileiros carregando rádios confiscados, acompanhados por autoridade policial.

FONTE: Arquivo Histórico de Itajaí – Acervo e Fotos – Itajaí – SC.

ANEXO 5

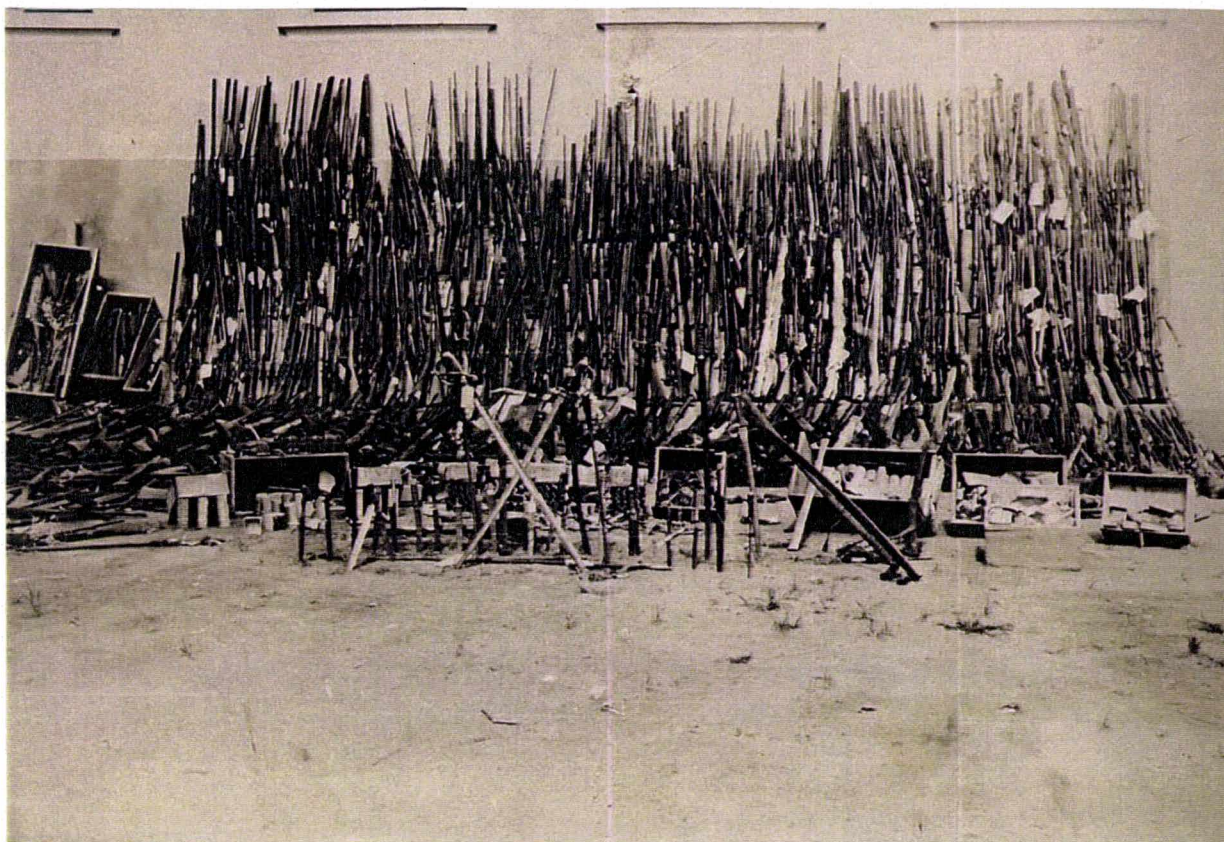


Figura 13 – Fotos das Armas Confiscadas pelo DOPS durante a Campanha da Nacionalização no Estado Novo

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC

ANEXO 6

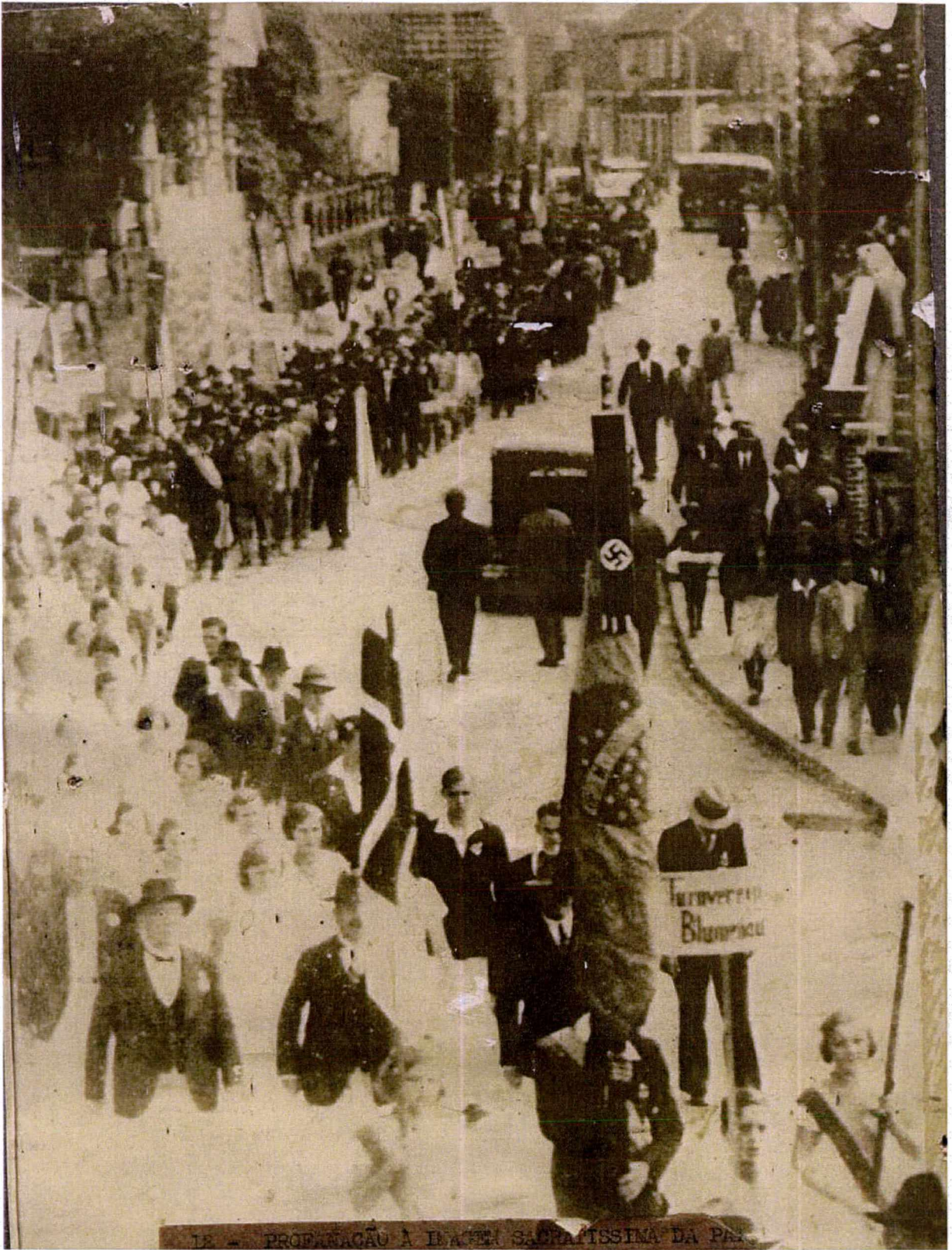


Figura 14 – Foto do Desfile Cívico com Bandeira Brasileira Ornamentada com o Símbolo Nazista.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC

ANEXO 7



Figura 15 – Foto de Confraternização de Simpatizantes do NSDAP.

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC

ANEXO 8



Figura 16 - Fotos de Materiais Confiscados durante a Campanha da Nacionalização no Estado Novo (1937-1945)

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC



Figura 17 - Fotos de Materiais Confiscados durante a Campanha da Nacionalização no Estado Novo (1937-1945)

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC



Figura 18 - Foto de Materiais Confiscados durante a Campanha da Nacionalização no Estado Novo (1937-1945)

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC

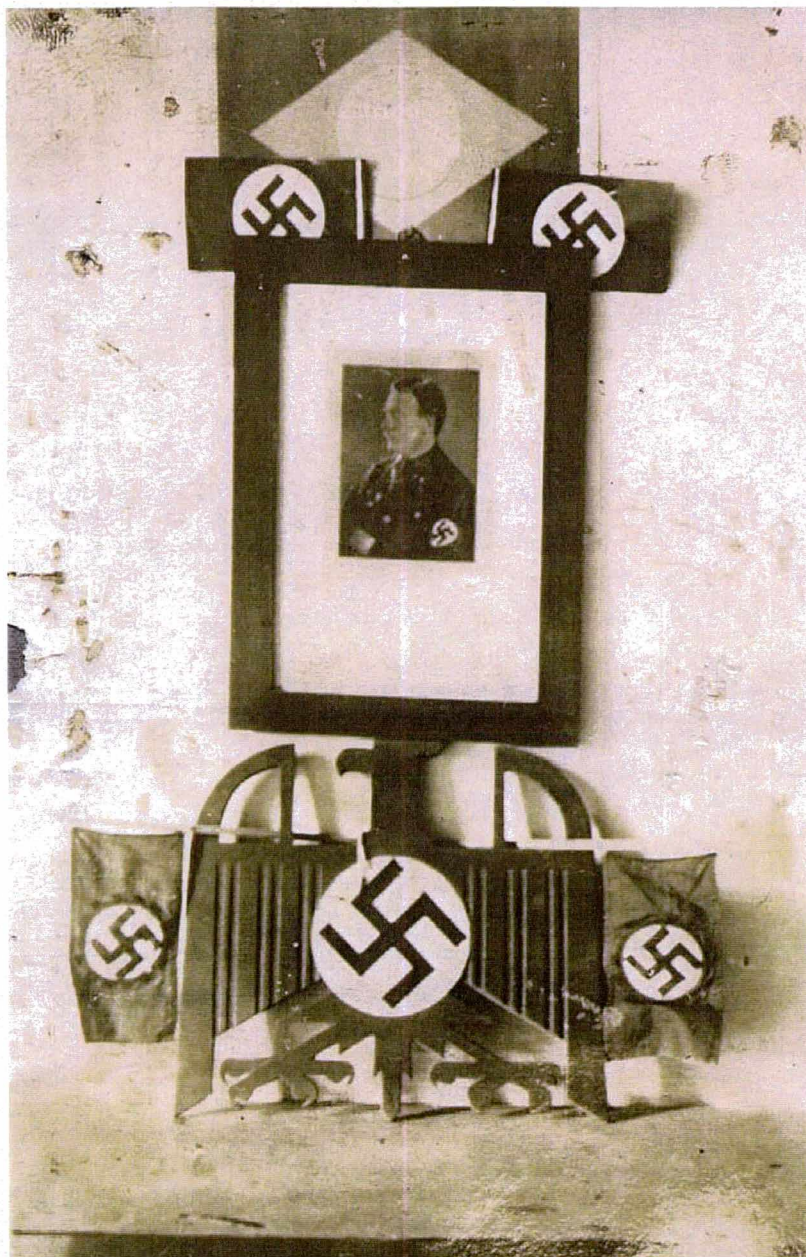


Figura 19 - Fotos de Materiais Confiscados durante a Campanha da Nacionalização no Estado Novo (1937-1945)

FONTE: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva – Blumenau - SC

ANEXO 9

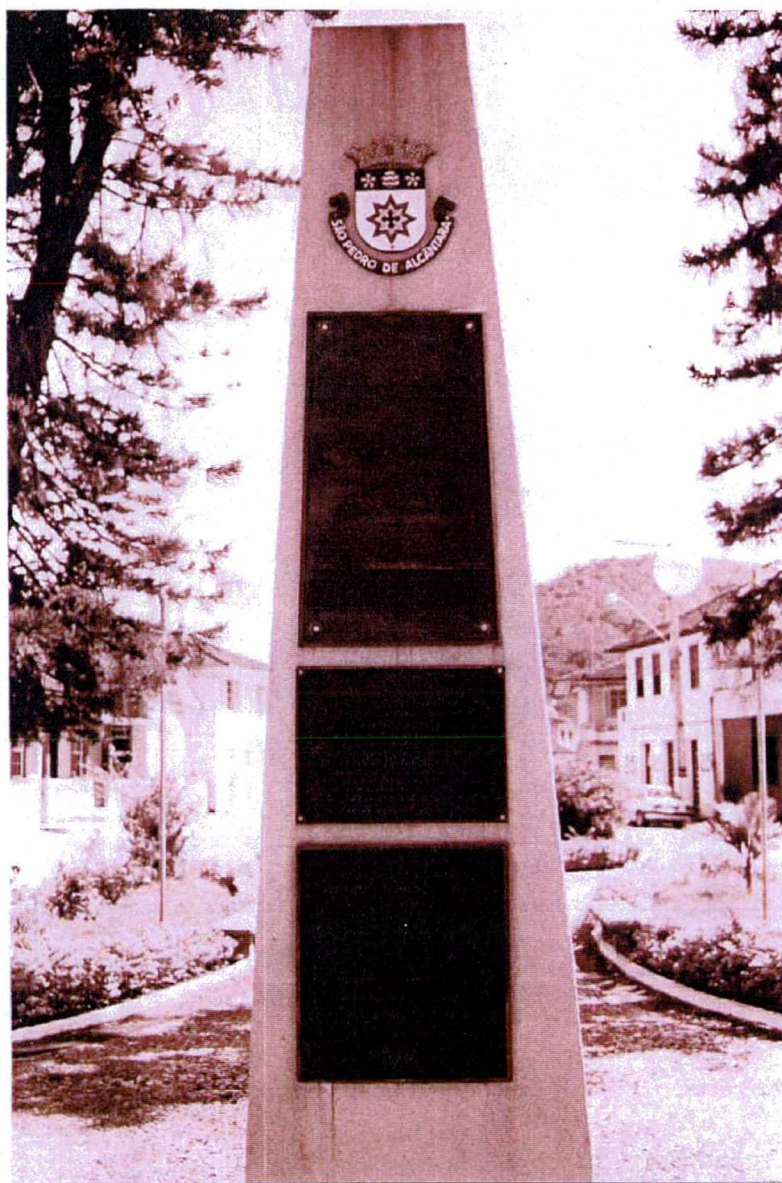


Figura 20 – Foto da Praça Central de São Pedro de Alcântara - Monumento ao Imigrante.

FONTE: Arquivo do Autor, 2000

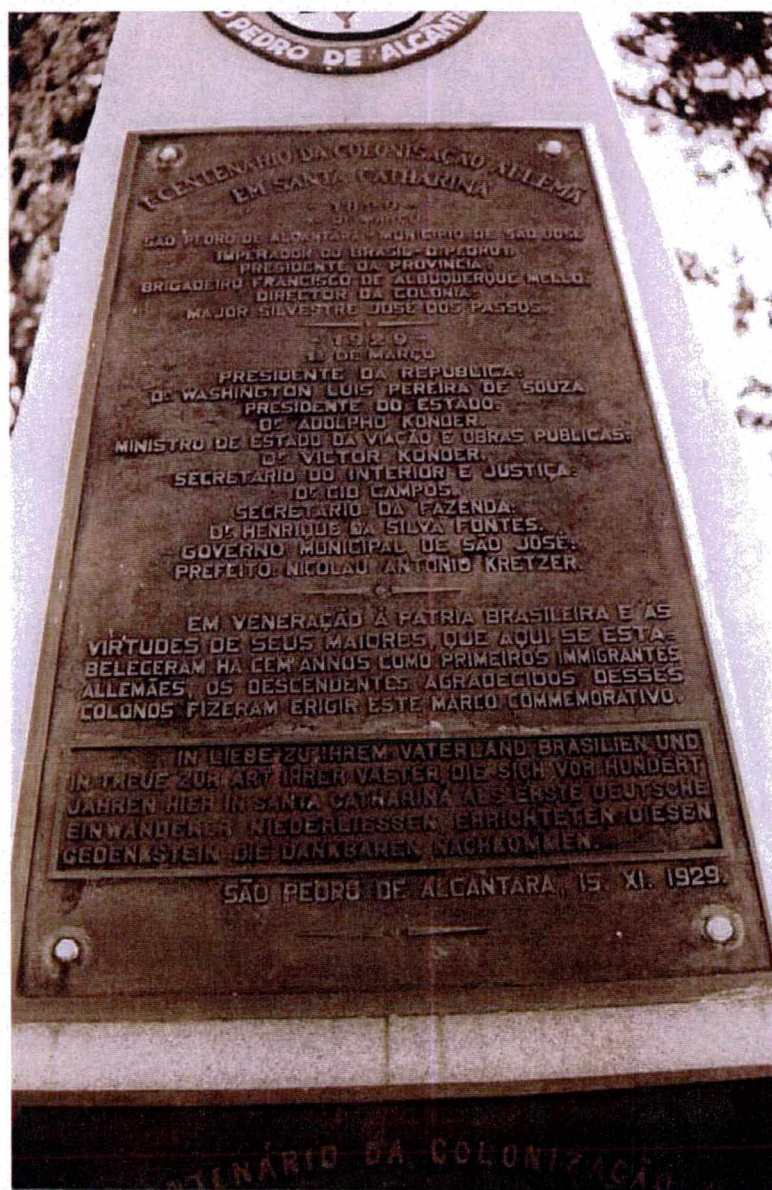


Figura 21 – Foto com detalhe do monumento com as Inscrições em Português e Alemão em São Pedro de Alcântara

FONTE: Arquivo do Autor, 2000.

ANEXO 10

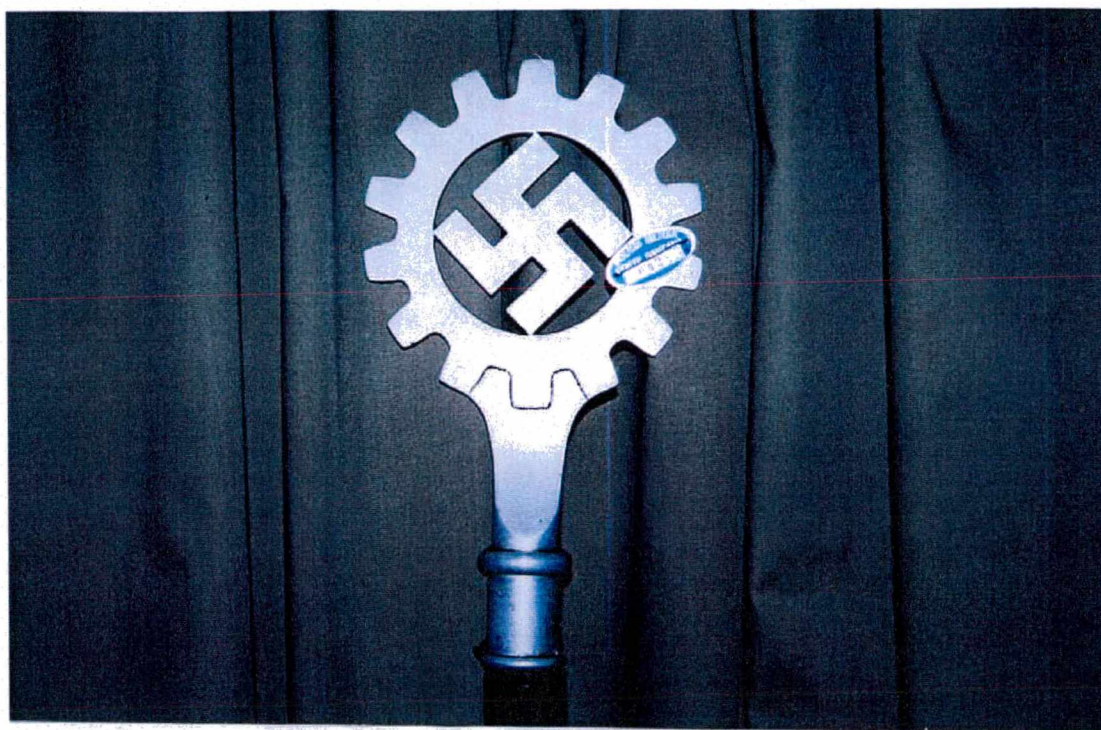


Figura 22 – Foto do Estandarte Nazista Confiscado Durante o Período da Nacionalização.

FONTE: Arquivo do Autor, 2000.

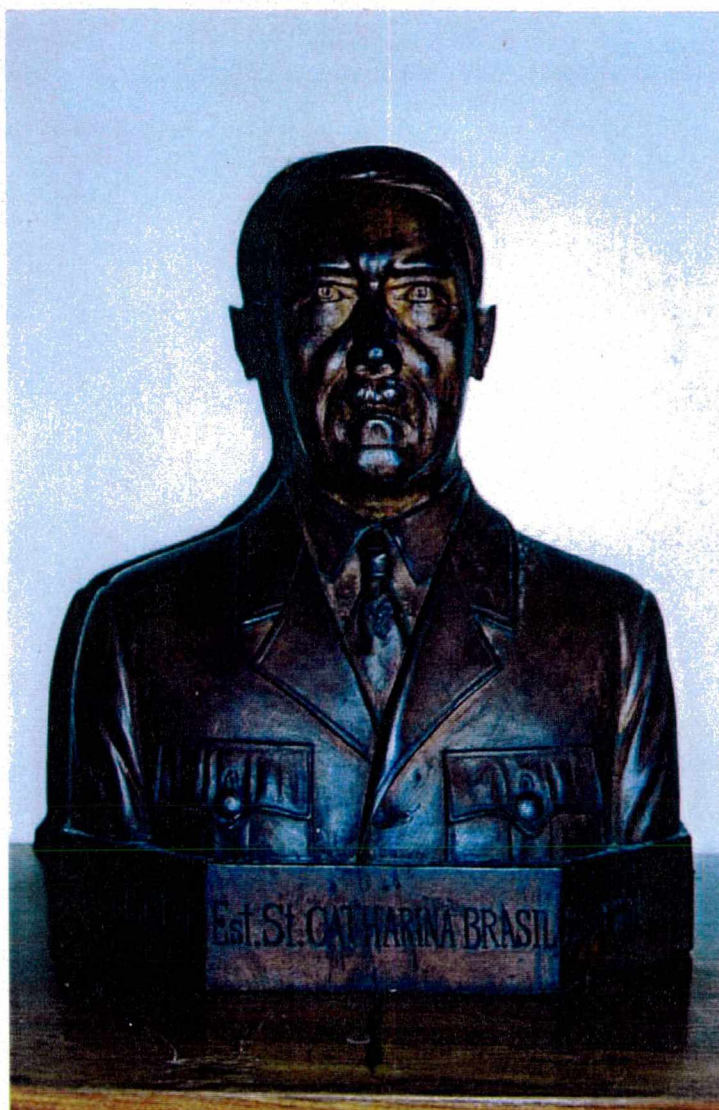


Figura 23 - Foto da Escultura de Adolf Hitler Talhada em Madeira – Realizada em 1931 no período da nacionalização (Acervo do Museu Lara Ribas – Florianópolis).

FONTE: Arquivo do Autor, 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Aluizio Batista de. **Nazismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2000.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.

A Destruição da Marinha Mercante do Eixo. (s. e., s. a., s. d.).

A Quinta Coluna aguarda a hora decisiva. (s. e., s. a., s. d.).

BALANDIER, George. **O poder em cena**. Brasília: UnB, 1982.

BASTOS, Angela. Campo de Concentração na Ilha. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 17 maio, p. 23, 1998.

BONAVIDES, Paulo. **Textos políticos da História do Brasil**. Brasília: Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas. v. 9, 1996.

BOPPRÉ, Maria Regina. **O Colégio Coração de Jesus na educação catarinense 1989-1988**. Florianópolis: Lunardelli, 1989.

BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMPOS, Cynthia Machado. **Controle e normatização de condutas em Santa Catarina (1930-1945)**. 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1998.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937-1945)**. São Paulo: Difel, 1972.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CORREA, Carlos Humberto. **Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35**. Florianópolis: UFSC, 1984.

D'ACAMPORA, Márcia. **A Construção da Imagem do inimigo: o papel dos jornais durante a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis (1939-1945)**. Florianópolis: 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DUPEUX, Louis. **História Cultural da Alemanha (1919-1960)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

FALCAO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX.** Itajaí: UNIVALI, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 5. ed. São Paulo: USP, 1997.

FIORI, Neide Almeida. **Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e república.** 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

GERTZ, René. **O fascismo no Sul do Brasil.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. **O perigo alemão.** Porto Alegre: UFRGS, 1991.

HENRIQUES, Affonso. **Vargas, o maquiavélico.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. **Nereu Ramos, o da hora da reconstrução nacional.** Florianópolis: do autor, 1983.

JOCHER, Toni. **Pouso dos Imigrantes.** Florianópolis: Papa-Livro, 1992.

_____. (Org.) **São Pedro de Alcântara 1829-1999: aspectos da sua história.** São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade Alemã de Desterro-Florianópolis.** Florianópolis: Papa-Livro, 1994.

_____. **DIRKSEN, Valberto. Rio do Sul: uma história.** Rio do Sul: Editora da UFSC, 1999.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. **Sacralização da política.** 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

MAGALHAES, Marionilde Brepohl de. **Pangermanismo e nazismo: trajetória alemã rumo ao Brasil.** Campinas: UNICAMP, 1998.

MANDEL, Ernest. **O significado da Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Ática, 1989.

MARABINI, Jean. **Berlim no tempo de Hitler.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MONTEIRO, Jaecyr. **Nacionalização do Ensino.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1983.

MORAES NETO, Geneton. **Nitroglicerina pura.** 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

MÜLLER, Telmo Lauro. (Org.) **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: UNISINOS, 1994.

NODARI, Eunice Sueli. **A renegociação da etnicidade no oeste de Santa Catarina (1917-1954).** 1999. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

OUTHWAITE, William; et. al. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

Para quem está você lutando? **História em Quadrinhos** (s. e., s. a., s. d.).

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e a repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis: UFSC e Lunardelli, 1983.

_____. (Org.) **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

REITZ, Raulino. **Alto Biguaçu: Narrativa cultural tetrarracial**. Florianópolis: Lunardelli, 1988.

SEITENFUS, Ricardo. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

VOIGT, Márcio Roberto. **Imigração e Cultura Alemã no Vale do Itajaí**. Educação, religião e sociedade na história de Timbó (SC). (1869-1939). 1996. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DIRKSEN, Valberto; KLUG, João. (Org.) In: **Igreja, Religião e Religiosidade**. Rio do Sul: UFSC, 1999.

FONTES DOCUMENTAIS

ARQUIVO HISTÓRICO DE ITAJAÍ. Itajaí. KONDER, Marcos. **Palestras diversas**. Lote 75.

ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ (São José). **Decreto-Lei nº 1.545 de 1939**. Dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros. Pasta de correspondências recebidas pelos prefeitos de 1939/1940.

ARQUIVO HISTÓRICO DE SÃO JOSÉ (São José). **Circular do Secretário de Estado dos Negócios da Segurança**. Endereçado ao prefeito João Machado Júnior. Pastas de Correspondências recebidas pelos prefeitos de 1939/1940.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA (Florianópolis). **Relatório apresentado ao senhor Presidente da República pelo Interventor Federal de Santa Catarina Nereu Ramos**. Relativo ao ano de 1938.

_____ (Florianópolis). **Relatório apresentado ao senhor Presidente da República pelo Interventor Federal de Santa Catarina Nereu Ramos**. Relativo ao ano de 1939.

_____ (Florianópolis). **Relatório apresentado ao senhor Presidente da República pelo Interventor Federal de Santa Catarina Nereu Ramos**. Relativo ao ano de 1941.

_____ (Florianópolis). **Relatório apresentado ao senhor Presidente da República pelo Interventor Federal de Santa Catarina Nereu Ramos**. Relativo ao ano de 1942.

_____. (Florianópolis). **Relatório apresentado ao senhor Presidente da República pelo Interventor Federal de Santa Catarina Nereu Ramos. Relativo ao ano de 1943.**

AS AMÉRICAS UNIDAS. **Relatório da ação cooperativa das repúblicas americanas desde setembro de 1939.** Washington, D.C. USA.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Anais...** Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

RAMOS, Nereu. **Nacionalização do ensino.** Discurso pronunciado em Blumenau em 28/05/1938. Florianópolis: IOESC, 1938.

_____. **Síntese de um triênio de governo.** Discurso pronunciado em Itajaí em 12/06/1938. Florianópolis: IOESC, 1938.

_____. **A obra nacionalizadora do Estado Novo – Educação Física.** Florianópolis: IOESC, 1939.

RIBAS, Antônio de Lara. **A ordem política e social e a campanha contra o nazismo no Estado de Santa Catarina.** Palestra realizada no Rotary Clube de Florianópolis: IOESC, 1973. ARQUIVO HISTORICO DE ITAJAÍ – Itajaí.

ROOSEVELT, Franklin D. **Vamos Ferir e ferir a fundo.** Rio de Janeiro: Coordenador de Assuntos Interamericanos – Divisão brasileira, 1943.

VANSITTART, Robert. **Rol sinistro: Alemães do passado e do presente.** Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert. (final da década de 30 início de 40).

MEMÓRIAS ORAIS – ENTREVISTAS

CLASEN, Ireneo. Data Nascimento: 20/04/1914. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São Pedro de Alcântara, abril de 1999. Arquivo do autor.

CLASEN, Longino. Data de Nascimento: 31/01/1926. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São Pedro de Alcântara, janeiro de 2000. Arquivo do autor.

JUNCKES, Avelino José. Data de Nascimento: 28/09/1924. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São Pedro de Alcântara, janeiro de 2000. Arquivo do autor.

ROSA, Olívio. Data de Nascimento: 23/11/1907. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São Pedro de Alcântara, janeiro de 2000. Arquivo do autor.

SCHMITT, João Carlos. Data de Nascimento: 28/12/1918. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São Pedro de Alcântara, janeiro de 2000. Arquivo do autor.

SCHMITZ, Zacarias. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** São José, outubro de 1994. Arquivo do autor.

STÂHELIN, Catarina Schmitz. Data de Nascimento: 29/12/1920. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** Boa Parada (São Pedro de Alcântara), janeiro de 2000. Arquivo do autor.

VIEIRA, Etelvino. Data de Nascimento: 05/02/1920. **Entrevista concedida a José Francisco Albino.** Florianópolis, abril de 1999. Arquivo do autor.

FONTES

AMARAL, Azevedo. **O Estado autoritário e a realidade nacional**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

BETHLEM, Hugo. **Vale do Itajaí: Jornadas de Civismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

CAMPOS, Francisco. **O Estado Nacional e suas diretrizes**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

MACHADO, Leão. **Uma revolução em marcha**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P.), 1942.

NOGUEIRA, Rui Alencar. **Nacionalização do Vale do Itajaí**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1947.

PY, Aurélio da Silva. **A 5ª Coluna do Brasil**. Porto Alegre: Globo, 1942.

REIS, J. Bauer. **O nazismo sem máscaras**. Rio de Janeiro: L. Josephson, 1938.

RIBAS, Antônio Lara. **O punhal nazista no coração do Brasil**. Florianópolis: IOESC, 1943.